



Diamantino J. T. Ribeiro

COLETÂNEA DE AVENTURAS DE UMA VIDA

Volume I

TUDO É POSSÍVEL.



Ficha Técnica:

Edição: A minha vida dava um livro
Autor: Diamantino José Teixeira Ribeiro
Título: Coletânea de uma Vida
Volume I
Subtítulo: Tudo é possível
Imagem de Capa: Pedro Almeida
Composição da capa: Carlos Copek
Impressão e acabamento:
1ª edição: Lisboa, julho/2022

ISBN: 978-989-54765-9-6
Depósito Legal

SINOPSE

Este é um livro de histórias e aventuras reais de uma vida que ainda vai a meio.

O percurso que convidamos o leitor a percorrer, narrado de maneira descomprometida, com alguma gíria pelo meio, é acompanhado com notas de realce que representam chamadas de atenção para aspetos que o autor considera importantes na formação da personalidade e naquilo em que se transformou, hoje, aos 58 anos.

Os 5 volumes desta odisseia representam períodos bem definidos da vida do autor.

O primeiro volume: “**TUDO É POSSÍVEL**”, percorre o período das primeiras memórias vividas ou contadas pelos seus pais até ao início da sua vida profissional (agosto de 1988), representando, ainda, 24 anos intensos de grandes aventuras que confirmam que tudo é mesmo possível.

O segundo volume: “**SOMOS FRUTO DAS NOSSAS ESCOLHAS**”, foi organizado de forma a poder responder a algumas questões que, normalmente, são colocadas pelos mais jovens quando iniciam as suas vidas profissionais, como por exemplo, “o que tenho de fazer para ter sucesso?”.

O terceiro volume, “**OS PORMENORES FAZEM A DIFERENÇA**”, retrata um período importante da vida do autor, a sua passagem pela Ilha da Madeira entre 2006 e 2011, onde são relatados os vários acontecimentos desde a ideia, a conceção, construção, inauguração e evolução dum projeto emblemático para a região autónoma da Madeira, o Madeira Medical Center, relevando a convicção do autor de que há pormenores que fazem mesmo a diferença.

O quarto volume: “**DAR E RECEBER, APRENDER ATÉ MORRER**”, apresenta algumas reflexões sobre a importância das várias áreas da vida e a importância do equilíbrio constante entre todas elas.

O quinto volume: “**SÓ O PERÚ MORRE DE VÉSPERA**”, tenta demonstrar que a idade é uma questão psicológica e

que o destino é a arma que os fracos utilizam para justificar os seus insucessos.

Esta coletânea pretende inspirar quem a ler e poderá ser o princípio de uma transformação pessoal e profissional para quem procura por ela.

Os 5 volumes estão à espera de ser encontrados por si!

DEDICATÓRIA

Embora o primeiro volume seja dedicado, especialmente, ao meu primeiro Neto, Álvaro Filipe Carneiro Ribeiro, não posso deixar de o dedicar, igualmente, aos meus pais, avós e seus antecessores, sem os quais eu não existiria.

Uma menção especial para os meus irmãos, Ana e Nuno, que sempre fizeram parte das preocupações do irmão mais velho.

Para os meus filhos, João (o pai do Álvaro) e Francisco, assim como a minha nora Rute (que considero a filha que não tivemos).

Por fim, uma dedicatória muito especial para a minha mais que tudo, a Paula (a avó do Álvaro), a menina que viu algo em mim na praia de Francelos há precisamente 40 anos atrás (31/8/1982), quando tinha somente 17 anos, e nunca mais me largou. Não sei o que viu em mim, mas a sua aposta tem tido resultados bem positivos. Obrigado, companheira, não sei se já alguma vez te disse!!!, mas amo-te muito.

E como todos nós vamos construindo referências ao longo da nossa vida, aproveito a oportunidade para referenciar e agradecer às pessoas que marcaram a minha vida pelo exemplo e representam alguns dos valores que consolidei ao longo dos anos. Infelizmente, só um ainda permanece entre nós:

O Sr. Manuel de Sá, meu antigo patrão na RIPAL (o meu primeiro emprego), pela sua postura séria e inabalável, mas justa, escondendo um coração enorme, que tive oportunidade de conhecer melhor, já depois de eu ter saído da empresa.

Representa os pilares da JUSTIÇA e do RIGOR.

O Dr. Sousa Dias, ilustre médico radiologista, ex-diretor do serviço de radiologia do Hospital de Guimarães, que trabalhou comigo no Madeira Medical Center, na Ilha da Madeira, pelo seu sentido humanitário, cordial, profissionalismo e pela importância que dava à família, em que nos revíamos mutuamente. Um senhor!

Representa os pilares da FAMILIA, da DEDICAÇÃO e da EMPATIA.

Por fim, o meu grande amigo - felizmente ainda entre nós - e em grande forma física e intelectual, o Dr. ° José Júlio Castro Fernandes, uma figura ímpar na Ilha da Madeira e não só. Alguém que consegue, simultaneamente, desempenhar vários papéis relativamente a mim: meu pai porque a idade assim o permite, meu irmão porque a relação assim foi evoluindo e meu filho porque, por várias vezes, as ocasiões assim o exigiram.

Um exemplo de vida por todas as suas realizações, pela sua simplicidade, pela sua honestidade, pela sua dedicação, pela sua irreverência e resiliência, entre muitas outras. Um escritor, poeta, escultor, pintor, cozinheiro, professor, gestor, farmacêutico, criador, e avô babado, como eu. Alguém que - não me canso de o dizer - devia ser proibido de deixar o mundo dos humanos.

Obrigado, Zé.

Já o vão conhecer melhor nas páginas seguintes nas quais partilho um texto do Dr. José Júlio publicado nas redes sociais, no dia 28 de abril de 2022, dedicado aos seus dois filhos, pois revejo-me completamente no seu conteúdo.... ou melhor praticamente todos os Pais se reveem.

Representa os pilares da RESILIÊNCIA e da CONFIANÇA.

Uma última referência de **GRATIDÃO** para quem me acompanhou nesta missão de passar para o papel todas as histórias vividas e com quem partilhei dezenas de horas de conversa “fiada”, entrelaçadas com entusiasmo e boa disposição constante. A Manuela Pereira, *ghostwriter* de profissão, escritora de paixão, como gosta de ser apresentada.

Aos meus filhos

“Há muitas maneiras de ser pai. Há muitos motivos para desejar ser pai. Eu fui pai, antes mesmo de o ser. Porque sempre desejei muito sê-lo. Porque tive o privilégio, de o ser, por duas vezes. Ambas muito desejadas e recebidas com muito amor e alegria.

Há mais de 40 anos que o sou e ainda não aprendi a sê-lo. Acho que nunca vou aprender. Não há manual (que eu conheça!...) que ensine a ser pai. Há que acreditar que é possível conseguir criar os filhos. Fazer o melhor que se consegue e esperar que dê certo. Para as mulheres é, quiçá, mais natural. Carregam o feto, dentro de si, durante nove meses. Tempo para criar laços, desenvolver cumplicidades. O pai, só no fim da gestação é confrontado com a materialização do seu desejo. É doce e assustador ao mesmo tempo. Um prazer misturado com o receio de não estar à altura da tarefa. As horas passam, os dias sucedem-se, o amor cresce e o desassossego também. Ser pai (ou mãe) é uma missão, diria mais, uma sorte, para toda a vida.

As razões de preocupação vão mudando, desde as primeiras horas, até ao resto da vida, mas a ligação, cada vez mais forte, obriga a que estejamos permanentemente disponíveis e atentos. Sempre com o secreto receio de que não estejamos à altura da tarefa. E a vida vai seguindo e as fases vão-se sucedendo. Umas mais difíceis do que outras. A fragilidade e a incerteza dos primeiros dias, meses. As surpresas constantes de assistir ao desabrochar de uma vida. As doenças, a creche, a escola, os amigos, os amores, os desamores, as asneiras, os gestos de ternura, as birras, os sustos. A escola, o secundário, a faculdade, ou o trabalho, ou outra qualquer decisão que temos de apoiar, quantas vezes com o coração apertado porque julgamos ver mais além, no futuro, e temos...medo. Medo por eles. Medo de poder já não estar cá para tentar minimizar possíveis desvios, crises, contingências.

Alegrias e tristezas partilhadas. Fases de afastamento, quando procuram encontrar o seu lugar na vida. Fases de reencontro. A preparação da vida profissional. As dificuldades de

encontrar um trabalho, uma profissão que ao mesmo tempo lhes dê sustento e prazer. Os amores. A saúde. Os desgostos. As alegrias. Depois, quando parece que decorreu muito pouco tempo, embora às vezes pareça infinito...os netos! Que são filhos duas vezes. A quem podemos dedicar, frequentemente, mais atenção, ainda, que dedicámos aos filhos. Porque o nosso ritmo de vida é outro, a disponibilidade maior e porque...somos avós!

Que é um sentimento inexplicável. Nem mais nem menos do que sentimos pelos filhos, mas completamente diferente. Aí, o receio já não é de não podermos, ou sabermos, guiá-los pelos caminhos da vida. O receio é não conseguirmos esticar, suficientemente, a vida para vê-los crescer.”

José Júlio de Castro Fernandes

O OBJETIVO DESTA LIVRO

Gostava que ficasse claro, à partida, a razão ou razões que me levaram a querer deixar para a posteridade os vários momentos que marcaram a minha vida ao longo dos anos. Momentos bons e momentos menos bons, mas nós somos a combinação de todos eles e dificilmente teria chegado ao dia de hoje como sou, com a família e amigos que tenho, se tivesse passado ao lado de um desses momentos.

Uma das principais razões é a de que já devo ter vivido praticamente metade do crédito de tempo que me foi concedido à nascença para usufruir deste planeta incrível. Sinto, por isso, que entrei na minha segunda fase da vida e, como tal, devo consolidar as experiências que os meus primeiros quase 60 anos de vida me trouxeram, para que os próximos 60 possam ser de usufruto de todas as aprendizagens.

Há uns anos atrás, as buscas pela história dos meus antepassados levaram-me a contratar uma empresa para construir a minha árvore genealógica, talvez na expectativa de algum deles ter uma ligação à realeza, ter desempenhado um papel de relevo na sociedade ou ter deixado uma marca no mundo, para além dos seus sucessores onde eu me incluo. Infelizmente, três gerações anteriores à minha, já os registos indicavam que tanto a minha avó materna como a paterna tinham sido filhas de pai incógnito. As minhas expectativas tinham sido goradas. O que sei dos meus avós foi praticamente o que me foi transmitido pelos meus Pais e o que sei dos meus Pais, foi igualmente o que vivi com eles e os pequenos apontamentos que me foram transmitindo ao longo da nossa relação.

(..) o ontem e o hoje não têm der se iguais ao amanhã.

Mas eu quero mais para a história da minha família, porque aprendi que o ontem e o hoje não tem de ser iguais ao amanhã. Quero que os meus netos, bisnetos (que espero ainda vir a conhecer) e todos os outros mais lá para a frente, saibam que houve uma época algures entre o final do século XX e o século XXI, em que um dos seus antepassados chamado

Diamantino José Teixeira Ribeiro, viveu uma vida incrível e quis deixar para a posteridade várias histórias inspiradoras. Como eu gostava de saber ao pormenor a vida dos meus Pais, avós, bisavós e por aí fora. Como eu gostava que algumas delas me tivessem inspirado e transmitido referências; como eu gostava de contar aos meus netos histórias giras dos nossos antepassados. É isso que eu espero que os meus netos façam aos seus filhos, e por aí fora.

Só posso viver feliz e partir feliz daqui a vários anos, se deixar para a posteridade a minha história.

E a minha história é parte do meu legado.

Por outro lado, o reviver o passado ajuda-nos a perceber o caminho que percorremos até ao presente, ajuda-nos a ser gratos, pelo que somos e pelo que temos, ajuda-nos a aceitar e a ultrapassar os vários acontecimentos menos agradáveis que foram surgindo ao longo dos anos, e tudo isso dá-nos a estabilidade que precisamos para vivermos uma vida tranquila e equilibrada no presente, sempre convictos de que:

“O que importa não é o que temos, mas sim o que fazemos com o que temos!”

assim como...

“o que importa não é o que sabemos, mas sim o que fazemos com o que sabemos.”

Prefácio

Manuela Pereira, ghostwriter de profissão, escritora de paixão.

Falar de livros, falar de histórias é encontrarmos uma parte de nós. Se a leitura traz plenitude ao Homem, a escrita incorpora precisão, e não é por acaso que, dentro desta equação, os livros nascem. Nascem para preencher a vida de sentido de quem os escreve e de quem os lê.

Nascem com e pela verdade que constrói o seu autor. Talvez todas as histórias de vida, realmente, possam dar um livro, mas sem essa verdade por detrás das palavras não deixam ensinamento e, muito menos, exemplo. Há poucos que o enfrentam.

Tento, no meu percurso atual, ouvir mais a intuição do que ouvia no passado e seguir referências de quem construiu um vasto legado e cujo exemplo tem tanto de inspirador como de modelo, porque é assim que se pode mudar o mundo, seguindo em frente e escolhendo quem nos leva nessa direção.

Conhecer as estórias do Diamantino não foi obra do acaso, nada na vida o é. Hoje, sei-o, não porque me tenham mostrado a fórmula mágica, mas porque acordei para as pequenas, mas decisivas, sincronicidades da existência que faz de nós humanos. A cada estória deste livro, a cada sentimento, luta e desafio senti uma lição. Um chamamento à razão de que, na vida, **tudo é possível** quando nos comprometemos com o sonho.

E o sonho é uma das palavras que mais irá encontrar ao longo destas páginas, não um sonho qualquer, mas o sonho do Diamantino em querer deixar um legado à sua passagem. Quem sabe, poder contribuir para a mudança que, na minha humilde opinião, conseguiu.

Quantas vezes duvidamos de nós? Quantas vezes colocamos em causa quem somos e o porquê de o sermos. Quantas vezes culpamos tudo e todos pela nossa própria incapacidade?

Fazemo-lo por fraqueza, talvez porque pensemos que o mundo nos deve o propósito e não tenhamos que ser nós a descobri-lo, a estar atentos e sensitivos para o desenterrar. No entanto, a vida do Diamantino foi feita de descoberta em descoberta até se ir

encontrando e entender que o meio não o definia, mas antes a circunstância de se transformar em quem queria ser, tal como ele diz algures por aqui: “somos fruto das nossas escolhas”.

Cresceu a aprender a desenrascar-se. A cuidar da sua sobrevivência, ainda tenra criança, quando longe dos pais, nas suas brincadeiras pela ilha. Começou a explorar o mundo ao seu redor tão prematuramente que lhe permitiu adquirir competências na adolescência dignas de nota, fosse pelo excelente aluno que se tornou, fosse pelo privilégio de, ainda jovem, desenvolver um espírito empreendedor que poucos alcançam.

Dizem que a necessidade cria o engenho e este primeiro volume, de uma coletânea de cinco, comprova a máxima, sem tirar nem pôr. Irão descobrir um Diamantino que, com apenas 6 anos, construiu o seu “primeiro negócio” de pão e aos 17 aventurou-se pela área do entretenimento na garagem de um amigo que deixava qualquer discoteca, da altura, a desejar, e qualquer contabilidade a melhorar. As histórias que aqui lemos são de tal forma improváveis que nos remetem para a possibilidade de estarmos a ler ficção, mas não... o empreendedorismo do autor corria-lhe no sangue. Fervia-lhe na alma. Era uma característica tão forte e inata ao ponto de qualquer uma das histórias que irá ler, pulsarem essa veia empresarial que, de tão vincada, ditaria a sua viagem pelo mundo do trabalho em detrimento do mundo universitário (que só terminaria anos mais tarde).

O Diamantino prova-nos que a teoria nem sempre pode ser colocada em prática e a prática nem sempre segue a teoria.

Umaz vezes, conseguimos rir, outras pensar mais profundamente. Algumas vezes, brincamos com os acontecimentos que nos são mostrados a ler, outras somos conduzidos a assuntos mais sérios que nos obrigam a refletir, mas a forma como a vida do autor foi erigida nada tem a ver com golpes de sorte. Muito longe de o serem. São golpes de determinação e disciplina, foco e sacrifício. Uma inabalável crença sobre o que acreditava ser possível e, mesmo que impossível ao primeiro olhar, quebrava todas as regras para ser a exceção e como é preciso desobedecer!

É um livro inspirador que nos faz questionar sobre as nossas próprias crenças e valores educacionais. Até que ponto os queremos de verdade e até que ponto estamos dispostos a ir por eles. Um percurso de vida que nos faz olhar para o nosso e analisar os pontos fracos com olhos de lince, e cortar à precisão de um bisturi as opções feitas. Leva-nos a questionar até que ponto foram tomadas por nos sentirmos seguros e optamos por não sair fora da zona de conforto. Estórias que não nos deixam indiferentes porque mexem com a nossa própria história, seja ela pequena ou já longa.

É daqueles momentos que nos lemos num livro e as palavras nos transcendem, ou porque descobrimos a verdade que necessitávamos de ouvir ou nos confrontamos com o que precisávamos saber.

E fecho citando o grande Mário Quintana que um dia disse que “os livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros só mudam as pessoas”.

Tal como este!

Uma primeira reflexão

Quantas vidas existem dentro de nós? Alguma vez parou para pensar acerca disto?

Se for como eu, talvez só desperte para este “conceito” mais tarde, quando a história que se forma ao redor do nosso percurso começa a revelar as pequenas peças do puzzle que, juntas, definem um pouco de quem fomos e o que somos.

A vida não é muito mais do que este encaixar de pedaços soltos que formam um todo. No fundo, é uma história composta por estórias que, depois de uma determinada altura da vida, conseguimos encadeá-las e perceber uma infinidade de sincronicidades e circunstâncias que até então nos davam a sensação de alguma dislexia nos acontecimentos. Mas tudo tem a sua lógica.

Se tudo “lá à frente se explica”, não sei, nem me recordo de algum dia discordar, ou concordar, com este princípio um tanto ou quanto demagogo ou se, só agora, consegui perceber o tom profético que este adágio possui. É que, com a pressa de nos fazermos gente, também nos distraímos pelo caminho e deixamos que seja a vida a levar-nos na corrente qual água de um rio. Desviamos-nos deste e daquele obstáculo para que o percurso não seja interrompido, mas pouco nos responsabilizamos pela viagem até atingirmos alguma maturidade. Atrevo-me a dizer que ‘ganhamos vergonha na cara’ tarde demais.

Hoje, com mais de meio século de vida e a cirandar por este mundo desde o dia 27 de fevereiro, pelas 11h50 - segundo relata a minha mãe - do ano de 1964, muitas foram as voltas que a minha história deu, sendo atravessada pelo meio por fragmentos de estórias que, se não as tivesse vivido, seria, provavelmente, um outro homem, com outra vida.

Mas, por entre estas divagações sobre a existência e de como a vivi, tem-me ocorrido, demasiadas vezes, uma questão um tanto ou quanto filosófica, senão filosófica mesmo. Ainda não será um enigma digno de ser comparado ao ovo e à galinha, mas a minha pergunta existencial dá que pensar.

Quando é que nasce a vida?

Será no dia do nascimento, aquele em que somos expulsos de um ventre e o ar nos entra nos pulmões, obrigando-nos a inflá-los numa reação primitiva de sobrevivência ou será que a vida nasce previamente, 9 meses antes, no momento da concepção?

É que se assim for, a data que a minha mãe refere e menci-
onei atrás, apenas representa o dia que cheguei ao mundo dos adul-
tos e não ao dia em que comecei a viver. E, nesta perspetiva, sendo
um pouco mais empírico (não me interpretem mal), mas posso afir-
mar, correndo o risco de me acharem provocador, que fui privile-
giado com a dádiva de viver, em maio de 1963, no momento em
que um dos quinze milhões de espermatozoides (assim o diz a ci-
ência) conseguiu ser o mais competitivo num processo que, por si
só, é extremamente seletivo, exte-
nuante e agressivo: o de formar a
vida. A minha história, se quiser-
mos.

A verdade é uma: todos co-
meçamos aqui e assim, com um es-
permatozoide que sabe correr e cuja
capacidade lhe permitiu vencer en-
tre muitos, sobrevivendo a um per-
curso cheio de improbabilidades e
dificuldades. Por isso, talvez co-
mece a considerar o momento da minha existência desde que eu (e
não outro) cheguei ao útero da minha mãe e fui fruto da equação
de uma natureza perfeita. Podia não ter acontecido assim e nem
estar aqui a escrever, mas ganhei o estatuto para o poder fazer.

**(...) todos começamos aqui
e assim, com um esperma-
tozoide que sabe correr e
cuja capacidade lhe permi-
tiu vencer entre muitos,
sobrevivendo a um per-
curso cheio de improbabi-
lidades e dificuldades**

Porém, como tenho pouco de demagogia, convido-vos a raci-
ocinar comigo.

O mundo está tão habituado ao nascimento, achando-o nor-
mal e garantido, que nunca se questiona sobre ele, quando, na ver-
dade, vivemos um milagre. É um milagre eu estar aqui a escrever
e o leitor estar aí a ler. Um outro espermatozoide no meu lugar
(sem pitada de ironia) e toda esta história teria um outro narrador,
num outro lugar, com diferentes estórias.

Se isto não nos faz pensar, algo nos está a escapar.

Nada disto são divagações de um cinquentenário, pelo contrário, são cogitações que não me surgem em vão, foram sendo sustentadas pela minha experiência, enquanto pessoa, mas ultimamente, também, pelo facto de ter sido avô e ter assistido a uma outra forma de se poder nascer.

O ‘toque de Midas’ da ciência ajudou o Álvaro a chegar ao mundo e atçou todas estas reflexões, este lado mais introspectivo de pensar sobre o sentido do trajeto que fazemos, enquanto seres humanos em evolução.

É um facto irrefutável que a ciência teve um papel fundamental na formação do meu neto, seleccionando em laboratório a sua vida, mas também é verdade que, mesmo em laboratório, só foi seleccionado porque se mostrou o mais forte e resistente.

... mas também é verdade que, mesmo em laboratório, só foi seleccionado porque se mostrou o mais forte e resistente.

Eu, e a maior parte da população mundial, fui seleccionado pela sabedoria da natureza e da força da “fortuna”, se é que ela existe.

Cheguei ao mundo porque reunia todas as condições para o poder fazer e, a partir desse momento, foi-me dada apenas uma solução: tinha nascido, tinha de viver.

É exatamente por isso que sou muito crítico quando olho à minha volta e vejo jovens e adultos revoltados com a vida, e com tudo o que passa à sua volta, culpando os outros pela sua falta de sucesso. Jovens e adultos que preferem ser tratados como coitadinhos porque a vida não os presenteia com coisas boas. Jovens e adultos que acham que o sucesso é algo inalcançável, esquecendo-se do momento épico da sua fecundação no qual tiveram de ser mais rápidos e mais fortes que milhões de outros seres semelhantes.

(...) sou muito crítico quando olho à minha volta e vejo jovens e adultos revoltados com a vida e com tudo o que passa à sua volta, culpando os outros pela sua falta de sucesso...

Campanhã – A capital do Império

Nasci no Porto, na área da Estação (ou Vale) de Campanhã, ‘a capital do império’, como dita a história deste lugar. Pelos arautos,



que narram acerca do nascimento da cidade do Porto, é revelado o poder comercial que esta zona adquiriu, devido ao aparecimento dos comboios e toda a ligação que eles produziram, numa primeira fase, com a estação de São Bento (no coração da cidade), depois com a linha do Douro e, posteriormente, com todo o país. Campanhã foi Vila e sede de Concelho até 1836 e nunca mais parou de crescer. A dado momento, recebeu tanta afluência humana, vinda do interior à procura de trabalho,

que a cidade foi redesenhada para conseguir responder à procura de tantos corações a ambicionar melhores dias. Os lugares tornaram-se pequenos para tanto movimento e não estavam preparados para o crescimento exponencial que estava a acontecer. Restava uma estratégia, a qual viria a ganhar presença acentuada um pouco por toda a parte.

Redesenhou-se a cidade, deu-se-lhe uma nova estrutura e dimensão, porque só havia uma forma de o conseguir fazer sem colocar em causa a capacidade de compra da classe baixa: construir as chamadas ilhas ou pátios que, não só foram uma opção mais barata de alojamento, como permitiram formar pequenas comunidades que se tornariam, ao longo da história, uma assinatura cultural da paisagem portuense. Foi neste ambiente urbano e algo desfavorecido, fazendo jus à realidade de então, que nasci e fui criado até aos 10 anos, pela alçada dos meus pais, ambos trabalhadores afincados, apenas com a quarta classe.

Não havia muito por onde escolher quanto à profissão a exercer, numa época em que o quotidiano era marcado e massacrado pelos sacrifícios de um nível de vida pesado, cujos trabalhos eram, de facto, árduos. A minha mãe, que também tinha nascido numa ilha localizada na Freguesia do Bonfim, trabalhou num armazém de confeção e distribuição de gravatas (Nobre & Almeida) e o meu pai, nascido num dos bairros mais temidos do Porto – o Cerco do Porto – foi pintor de automóveis antes de ter sido instrutor de código da estrada, na Escola de Condução França.

Ambos foram super-heróis num período pré e pós 25 de abril. Heróis anónimos que, pensando na educação dos filhos, resistiram ao sistema e, dentro daquela ilha, me ensinaram a ser.

Ambos foram super-heróis num período pré e pós 25 de abril. Heróis anónimos que, pensando na educação dos filhos, resistiram ao sistema e, dentro daquela ilha, me ensinaram a ser.

A Ilha do Tanoeiro

Até aos 10 anos só conheci um lugar com cheiro a lar: a ‘ilha do Tanoeiro’. Uma das 1.130 ilhas que hospedavam cerca de 7.654 casas repartidas pelas freguesias da cidade portuense. Pelos números, percebemos a necessidade apertada de alojar uma população desfavorecida, que todos os dias crescia, e resistia às fracas condições existentes. Parece que isto faz parte de um passado longínquo, mas tem pouco mais de 50 anos e Portugal ainda não conhecia outra realidade.



A “minha ilha” ficava mesmo em frente à Estação de Campanhã e era, como todas as outras, uma pequena comunidade que não excedia as 20 casas. Eram habitações pequenas, construídas com o rigor arquitetónico de não ultrapassarem os 30 metros quadrados. Todo o espaço era pouco. Moravam nelas famílias inteiras, dividindo as acomodações que se resumiam a um quarto, uma cozinha e uma sala, fosse o agregado composto por 2 ou 10 elementos. Não tínhamos uma casa de banho como hoje existem; na minha altura, a casa de banho era comum à ilha e ficava situada bem no

centro, como se fosse um campanário. Nós tivemos a sorte de ficar logo ali, ao lado dela, o que era uma espécie de brinde (se pensar que não tinha de correr, se ‘estivesse mais aflito’).

Lembro-me, nitidamente, de ver o meu pai sair de casa todos os dias de manhazinha com a toalha ao ombro para o seu banho de água fria, antes de ir para o trabalho. Sim, fria, não havia tempo para a aquecer no fogão e muito menos gás em botija para desperdiçar. O mais difícil era o inverno que, sem dó, nem piedade, o fazia gelar até aos ossos sempre que a hora do banho chegava e a água descia como uma catarata sobre a pele. Era um momento de resiliência.



Mas o curioso, nestas construções chamadas ilhas, é poder compará-las à era mais moderna. Acredito que a geração mais nova fique chocada com a forma como, não há tantos anos quanto isso, o país minguava sob condições económicas que hoje são impensáveis, no entanto, existentes, mas camufladas (não será sobre isto que pretendo divagar). A ilha onde vivi e vos apresento como parte das minhas estórias foi construída na horizontal, mas será que era

tão diferente dos prédios que hoje, representativos de uma metrópole, desenham as cidades contemporâneas, na vertical?

Onde está a diferença, se procurarmos por ela? A minha ilha albergava várias famílias, formando o seu próprio reino, quase como um mundo à parte. Hoje, os prédios albergam na mesma várias famílias, mas já não formam o seu reino porque as pessoas mal se conhecem. Não deixam de ser ilhas na minha perspetiva, mas deixam de ser comunidades. Naquele tempo, nós éramos uma comunidade que se entreajudava



e apoiava.

As ilhas, nem todas, mas a maior parte delas, eram também ambientes problemáticos que, por acolherem famílias com baixos recursos, se deparavam com a frieza dos problemas – que nunca são bons conselheiros – promovendo ambientes de stress, rebelião e inconformismo.

Podia mesmo pairar no ar o desespero e a dor da luta. Porém, nós, crianças, crescíamos livres,

talvez demasiado, entre a rua e a escola, sem controlo, aprendendo a força do “desenrascanço” e a capacidade de superação. Não havia tempo para queixumes e lamentos. Havia apenas a vontade intrínseca de vivermos a vida na sua forma mais pura, de andar descalços em contacto com a vitalidade da terra e desafiarmos os nossos limites, acreditando que o perigo não morava ao lado. Aceitávamos a realidade tal qual era, sem grandes questionamentos. Por isso, éramos tão felizes, mesmo com pouco.

A casa onde cresci não era diferente de nenhuma das outras que faziam parte deste pequeno mundo. Os meus pais dormiam no quarto, onde mal cabia a cama, e eu e a minha irmã (mais nova) ficávamos no sofá da sala contíguo à cozinha, num formato *open space*. Vivi uma infância onde pouca coisa me limitava; o espírito

de empreendedor que possuo hoje, não tenho dúvidas, foi plantado na altura em que cresci neste lugar, sendo moldado pelas circunstâncias que, mal ou bem, me ensinaram o que valia a pena e o que era uma perda de tempo. E conto-vos como.

Teria pouco mais de seis anos, quando comecei a ter uma responsabilidade séria: a de ir ao pão. Era um compromisso com a fome e uma obediência aos pais. Claro que, para ir à

mercearia, atravessava a ilha de uma ponta à outra e tinha de sair dela, marcando o trajeto pelo passeio, encostado ao muro. Ora, num desses momentos, a vizinha da frente interrompeu-me a caminhada para me pedir se lhe podia trazer também o pão dela.

Anuí e levei mais essa missão comigo, executando-a com primor, tanto que, assim que lhe entreguei o pão, fui premiado com um rebuçado. Se acham que isto era coisa pouca, digo-vos que valia uma fortuna. O dinheiro era escasso e ter brinquedos ou açúcar para nos lambuzarmos não era propriamente uma rotina. Todavia, o que fez deste episódio uma grande odisseia foi eu perceber imediatamente o poder da recompensa. O meu ainda imaturo cérebro de empreendedor deu o *click*. A retribuição por algo que fiz trazia-me dividendos.

Nunca mais fiquei indiferente a esta matemática.

Engendrei um plano. As minhas papilas gustativas só já imaginavam a riqueza que podia fazer em doces se angariasse “clientela”. Não me fiz de rogado e ofereci os meus préstimos à ilha toda. De porta em porta, “vendi” um serviço, disponibilizando a minha vontade para distribuir e entregar o pão. A estratégia foi coroadada de sucesso tal que, em pouco tempo, fiquei oficialmente responsável pela entrega do pão em quase todas as casas. Posso até

Porém, nós, crianças, crescíamos livres, talvez demasiado, entre a rua e a escola, sem controlo, aprendendo a força do “desenrascanço” e a capacidade de superação.

Não havia tempo para queixumes e lamentos.

A retribuição por algo que fiz trazia-me dividendos. Nunca mais fiquei indiferente a esta matemática.

assumir que o meu “primeiro negócio” me correu muito bem, levando em consideração a quantidade de chocolates e rebuçados que ganhei pelo empenho rigoroso com que me dediquei à missão.

Curiosamente, os meus pais, nem foram acusados de maus-tratos, nem de exploração do trabalho de menores, como eventualmente poderia acontecer nos dias de hoje!

Esta iniciativa, que mantive durante algum tempo, não foi apenas porque recebia um prémio de consolação. Eu descobrira uma poção mágica que, mesmo em estado muito embrionário, me fez perceber que existe um canal aberto a ligar o meio ao fim, chamado - resultado. Eu gostava daquele resultado. Como já referi, não era simples termos guloseimas em casa. O dinheiro era esco-

Eu descobrira uma poção mágica que, mesmo em estado muito embrionário, me fez perceber que existe um canal aberto a ligar o meio ao fim, chamado - resultado.

ado para os bens essenciais e, muito raramente, se gastava no que não nos fazia falta, muito menos naquilo que não enchia a barriga. O favor inocente que aceitei fazer, significou, para mim, a autonomia de poder receber algo que não tinha com frequência e tornou-se num “negócio” lucrativo para a minha glotonaria.

Conto-vos esta estória não apenas porque é engraçada, mas porque ela foi um aviso de que o empreendedorismo estava em mim como algo inato ou ter-me-ia passado despercebido este golpe de sorte. E esta foi a primeira de muitas.

A segunda vez que coloquei à prova os meus dotes empreendedores aconteceu nas Festas de São João, no Porto, tradição fortíssima e que começava sempre (isto permanece intemporal) com o Santo António e acabava com o São Pedro. Era hábito a minha mãe dar-me umas moedas para comprar um santinho, nesta festividade. Eu e o Zé, um amigo e parceiro de todas as aventuras da minha infância, íamos para a entrada da ilha tentar negociar o crescimento do presépio, mas, para isso, era preciso “investidores” que procurávamos por entre os transeuntes. Pedíamos um

‘tostãozinho para o São João’ a quem passava, de forma a construirmos o tal presépio que ficava no acesso ao centro da ilha.

Uma particularidade engraçada sobre o Zé é que ele era surdo-mudo. Expressava-se entre gemidos e grunhidos que, devido à gesticulação intensa e ao tom de voz alto que usava para comunicar, lhe davam um ar temido, sendo também pouco compreendido. A verdade é que ambos não precisávamos de fazer muito para que os mais novos, e até os mais velhos, tivessem medo de nós. Bastava um som onomatopaico do Zé para espalharmos o terror, mas também, assumo, nos permitia angariar fundos com alguma facilidade.

Dizia eu que o São João era o pico da sociabilização. O mês de junho era o mês das aventuras. Acabada a escola, o tempo era tudo que tínhamos e ainda bem porque a criação do presépio exigia mobilização e campanha. Não havia uma pessoa que passasse na rua e que não contri-

buisse para que ele crescesse mais um pouco, fosse com mais um cordeiro, mais um santo ou mais um animal. Recordo-me, sobretudo, da canseira que aquilo nos dava, pois tínhamos que desmontar o presépio todos os dias e voltar a montá-lo no dia seguinte, religiosamente. Deixá-lo ‘ao Deus dará’ era facilitar uma pilhagem durante a noite e a nossa missão estava focada num objetivo e eram

... mas eu sentia a voracidade de empreender, de fazer coisas, de criar e dar aos dias um propósito.

um facto que a necessidade criava o engenho, mas eu sentia a voracidade de empreender, de fazer coisas, de criar e dar aos dias um propósito. Nós criávamos tudo: atividades, brinquedos, brincadeiras e traquinices.

Eu observava com relativa simplicidade o quão fácil era obter algo das pessoas, quando trabalhávamos para um objetivo.

mos exímios em cumpri-la. Eu observava com relativa simplicidade o quão fácil era obter algo das pessoas, quando trabalhávamos para um objetivo. É um facto que eram outros tempos e

Brincando ao vale tudo

Hoje, o mundo mudou. É o mesmo, mas está diferente. Já não se brinca na rua, já não se anda descalço por aí, já não se corre rua abaixo, já se tem poucos colegas com quem sociabilizar porque a vida não escapa ao estigma do desconhecido. Na minha época, tudo era familiar, tudo valia a pena para brincar e não existiam motivos para estarmos em casa. O incógnito era só mais um motivo para que fizéssemos coisas novas. Para que explorássemos. Atualmente, o que não se conhece, teme-se.

Se pensar acerca do medo e me perguntar quantas vezes o senti, nunca senti realmente medo. O que não compreendia ou não reconhecia motivava-me à descoberta. Se estava mais exposto ao perigo? Talvez, mas evitá-lo não me teria feito melhor. Não teria sido um adulto mais perfeito por causa disso. As crianças de outrora, adultos de hoje, ganharam imunidade ao receio porque a vida já era difícil o suficiente.

O texto seguinte de autor anónimo diz bem do sentimento atual sobre a inocência e simplicidade da época.

"Tenho saudades dos tempos em que no Liceu havia 'burros', 'gordos', 'caixa de óculos', 'sem sal', 'pretos', 'chineses', 'indianos', 'artolas', 'maricas', etc.

Os 'burros' chumbavam, não se tornavam doutores como hoje em dia. Mas a fasquia era definida pelo marrão da turma, não era nivelada por baixo como agora.

Somos todos iguais diz-se. Antes não parecia que fossemos, mas o 'gordo' também tinha notas brutais e ninguém sabia como, talvez porque não jogasse à bola.

O 'caixa de óculos' tinha um sentido de humor inigualável, mas não fazia corridas pois tinha medo de cair.

O 'preto' jogava à bola como ninguém e fazia umas fintas inimagináveis, tinha um físico fora do comum.

O 'chinês' tinha vindo de outra escola sabia à brava inglês, e tinha histórias que não lembravam a ninguém.

Cada um tinha um «defeito», até uma alcunha, mas tinha ou lutava por ter também outras qualidades.

Hoje não. Dizem que somos todos iguais. Agora, tudo ou é bullying, ou racismo, ou xenofobia, ou opressão, ou assédio, ou violência.

Antigamente quando se era mesmo racista, levava-se um chapadão na tromba e aprendia-se logo que o 'preto' era como nós, apenas tinha cor diferente.

E não era bullying. Era 'aprendizagem on job'. Aprender assim era duro pois dói e não se esquece mais. E às vezes em casa com os pais também se 'aprendia'.

O menino ou menina 'sem sal' passava despercebido(a) e sentia-se sozinho(a).

Ter uma alcunha diferente era fixe. A diferença era vista com bons olhos.

E aprendia-se uma coisa importante: rirmos de nós próprios. E não chorarmos porque alguém nos chamou isto ou aquilo. Assumia-se a gordura, o 'esquelético', a 'caixa de óculos' e tudo o mais que viesse. Mas quando não se estava bem, quando não se gostava da alcunha, fazia-se uma coisa importante: mudava-se, lutava-se por acabar com ela. Não se culpava os outros nem a sociedade. Não se faziam 'queixinhas'.

E falhava-se. Muitas vezes. Mas cada vez que se falhava ficava-se mais forte. E sabíamos que era assim. Que havia uns que conseguiam, outros ficavam para trás, que havia quem vencia e quem falhava.

Agora não.

Todos somos iguais, há mesmo a chamada igualdade de género, todos somos bons, todos merecemos, todos temos as mesmas oportunidades, todos devemos até ganhar o mesmo, todos somos vítimas, todos somos oprimidos e todos somos parvos porque aceitamos este ambiente do 'politicamente correto' sem dizer nada.... e até devemos dizer que somos 'normais'.

Segundo o novo paradigma social, devem ter muito cuidado comigo, porque:

- Sou velho, tenho mais de 70 anos, o que faz de mim um tolo, improdutivo, que gasta estupidamente os recursos do Estado;
 - Nasci branco, o que me torna racista;
 - Não voto na esquerda radical, o que me torna fascista;
 - Sou hetero, o que me torna um homofóbico;
 - Possuo casa própria, o que me torna um proprietário rico (ou talvez mesmo um latifundiário);
 - Amo foie gras, carne de caça, peixe do mar e cordeiro de leite, o que me torna um abusador de animais;
 - Sou cristão, e embora não praticante, sou um infiel aos olhos de milhões de muçulmanos;
 - Não concordo com tudo o que o Governo faz, o que me torna um reacionário;
 - Gosto de ver mulheres bonitas bem vestidas (ou despidas), ou super decotadas, o que me torna um tipo capaz de assediá-las;
 - Valorizo a minha identidade portuguesa e a minha cultura europeia e ocidental, o que me torna um xenófobo;
 - Gostaria de viver em segurança e ver os infratores na prisão, o que me torna um desrespeitador dos direitos "fundamentais" protegidos;
 - Conduzo um carro a diesel, o que me torna um poluidor, contribuindo para o aumento de CO2;
- Apesar de estes defeitos todos, acho que ainda sou feliz ...era mais antes da pandemia.... mas mesmo assim e considero-me um 'gajo normal'!!..."

É engraçado refletir sobre o passado e o presente nestas linhas porque me faz sentir algum pesar pela infância das crianças de hoje. Não que seja pior ou melhor, é apenas distinta quanto ao direito de usufruir da autonomia que eu tive, por exemplo, e me ensinou a arte de sobreviver. De não criar obstáculos e encontrar a solução

De não criar obstáculos e encontrar a solução porque, não há como o negar, eu fui obrigado, desde sempre, a encontrar soluções.

porque, não há como o negar, eu fui obrigado, desde sempre, a encontrar soluções.

Cresci numa tríada: casa, escola, rua, mas era na rua, quando chegava dos meus afazeres escolares, que encontrava a liberdade espalhada por todos os cantos. Eu era do mundo e vivia tão feliz que nada podia impedir-me de fazer ou realizar o que, momentaneamente, me ocorria fazer, mesmo sendo um disparate colossal.

Uma das coisas que me dava um prazer sem tamanho, era ir pelos passeios, a rastejar os joelhos para pontapear com os dedos das mãos as caricas - que preenchíamos de sabão ou cascas de laranja para as tornar mais pesadas. Subíamos a ladeira que ligava Campanhã ao Bonfim, numa distância de quase 3 quilómetros, arrastando os joelhos pelo empedrado e sem supervisão dos adultos. Descíamos e subíamos a rua entre risos e gargalhadas, disputando o lugar do pódio numa brincadeira que preenche, ainda agora, a minha memória saudosa. E o barulho do latão, quando a tampa, depois de rodopiar no ar, saltitava no chão, deixando-nos em êxtase para ver onde tombava. É inesquecível.

Depois estalava o balburdio do grupo que, subindo lentamente pelo avançar da carica, não se importava tanto com quem perdia ou vencia, mas antes disfrutava do convívio insubstituível. Entre uma e outra brincadeira, o estômago lá dava sinais de estar vazio e, rapidamente, resolvíamos o assunto, passando pela mercearia do bairro e levando “emprestada” uma peça de fruta que nos exigia colocar em fuga e a bater com os pés no rabo com toda a velocidade que conseguíamos. Entre o bracejar e o refilear da dona Aidinha, que nunca nos conseguia apanhar, ríamos como perdidos sem ver a maldade no gesto. O que realmente nos dava prazer era provocar os nervos à senhora e vê-la em desespero por não conseguir deter-nos. Por vezes, ainda tentava uma pequena investida, mas o seu corpo roliço já não estava preparado para as nossas longas e rápidas pernas.

(...) não se importava tanto com quem perdia ou vencia, mas antes disfrutava do convívio insubstituível.

A verdade é que eu sou fruto desta liberdade imensurável que sentia. Nunca fui acometido pelo medo de nada, nem de ninguém (claro que o Zé mudo também me protegia a retaguarda), e isso refletiu-se na minha vida toda. Na forma como enfrentei os desafios. Sem medo e com os olhos postos no horizonte.

Se perguntarem a alguém da minha geração, se gostavam da escola, ninguém dirá que gostava de se sentar nos bancos da sala de aula em que a palmada e a reguada eram quase um desporto. A rua era mais aliciante, o mundo era um parque infantil. Porém, a escola era inegociável e todos tínhamos de passar por ela.

A verdade é que eu sou fruto desta liberdade imensurável que sentia. Sem medo e com os olhos postos no horizonte.

Curiosamente, a minha escola, o Colégio dos Órfãos, era uma escola tipicamente masculina (só me lembro de conviver com meninas depois dos 10 anos) e não ficava perto de casa, encontrava-se afastada, ao lado do rio Douro, na zona das Fontainhas, perto da casa do meu avô “Mantino” e da madrastra do meu pai a quem chamávamos carinhosamente madrinha Lídia.

Era um percurso diário de quase 5 quilómetros que realizava a pé e quase sempre sozinho. Habitualmente, como companhia levava uma lata vazia ou uma garrafa de plástico que chutava ao longo de todo o percurso, imaginando-a como uma bola a sério. Às vezes, perdia um sapato, quando o chuto era mais efusivo e acompanhava o voo em espiral da bola, desaparecendo sobre algum telhado ou árvore. E lá tinha de arcar com o castigo e a chamada de atenção veemente da minha mãe e, às vezes, do meu pai (que era um pouco mais desafiante), afinal os sapatos eram caros.

A escola ficava paredes meias com o grande cemitério do Porto – o Prado do Repouso, e do Quartel-General da PIDE – atualmente o Museu Militar do Porto. Ambos, locais temidos, um porque albergava os mortos, outro porque era responsável pelo desaparecimento de inúmeras pessoas. Contou-me o meu avô paterno, e que me deu o seu nome – Diamantino –, que o meu bisavô foi um dos sacrificados pela PIDE, tirado de casa de madrugada pelos

elementos da polícia militar, porque pretensamente diziam ser comunista, e nunca mais voltou.

Aproveito a referência ao meu avô Diamantino para referir que foi com ele que aprendi a importância do Legado; e o Legado não tem de ser algo que se deixa à família, pois o Legado que ele deixou foi precisamente o sacrário do Sameiro de Braga, feito por ele à mão durante longos anos e que o eterniza para todo o sempre.



Eu não sabia muito sobre a PIDE, mas sobre o cemitério sabia tudo. Era um lugar que atravessava para encurtar caminho de regresso a casa. Uma particularidade do cemitério, é que ele fechava às 16h30, exatamente no mesmo horário em que as aulas terminavam. Não tinha muitas alternativas se me atrasasse. O portão fechava-se e o meu caminho seria muito mais longo. Todos os dias encetava uma correria louca contra o tempo para conseguir atravessar os portões do cemitério antes que as portas se fechassem.

E se queria entrar para atravessar, também era bom que sásse.

Talvez achem estranho uma criança atravessar um cemitério sem manifestar qualquer tipo de receio. Pelo contrário, eu confiava nos mortos, literalmente. Era no cemitério, dentro de um jazigo velho e meio abandonado, cujo musgo se formava entre as brechas da porta e as ranhuras das pedras, polidas pela erosão dos anos, que escolhi para esconder uma bola de futebol “a sério”, como dizíamos, pois era de borracha como as utilizadas nos jogos do

campeonato e que ganhara numa das senhas premiadas do “Bira” – um jogo que se fazia com cromos com as caricaturas dos jogadores.

Eu não podia deixar aquela bola incrível em qualquer lugar. Se a deixasse na escola, iria desaparecer, se a levasse para casa, os meus pais dar-me-iam um valente ‘chega à roupa’, pois eles desconheciam a minha atividade diária de jogador do “Bira”. Provavelmente, pensariam que a tinha roubado e não escaparia à tarefa. Isso era certo. Portanto, onde a esconder em segurança? O cemitério pareceu compreender o meu dilema e tornou-se o meu mais silencioso cúmplice. Infelizmente, meses depois, a bola sumiu do esconderijo do mundo do além. Nunca mais a vi, nem nunca descobri quem a levou, mas foi um dos meus brinquedos preferidos, digo-vos que senti uma tristeza assolapada, quando a perdi.

Pelo contrário, eu confiava nos mortos, literalmente.

A estratégia que arranjava, falhara, talvez por não ter tido o cuidado suficiente para garantir a sua propriedade. Uma coisa eu tinha a certeza, fora alguém vivo que a levava.

A estratégia que arranjava, falhara, talvez por não ter tido o cuidado suficiente para garantir a sua propriedade.

Mas a vantagem de frequentar esta escola era, sobretudo, porque eu podia almoçar na casa do meu avô e, às vezes, fazer lá os trabalhos de casa. A minha mãe sabia que, assim que chegasse a casa, já não me conseguiria controlar o resto do tempo, pois trabalhava até muito perto da hora do jantar. E era um facto que, após sair da escola, às 16h30, eu me entregava à descoberta e às brincadeiras. Passava o dia ansioso por estes momentos.

Quantas vezes, a minha mãe, para que eu não fugisse, me atou à pia com uma corda que me prendia à perna. Apesar da corda ser grande e me permitir movimentar num determinado perímetro, aquilo chateava-me e, com a ajuda do Zé, conseguia sempre dar a volta ao problema num formato de complô em que ele alinhava. E

o objetivo era acusá-lo aos vizinhos. No fundo, eu dizia que fora preso por ele. Os vizinhos desatavam-me, davam-lhe um raspante, nós sorriamos e corríamos para fora da ilha soltos como pássaros, rindo de sermos uma dupla infalível, sem medos das represálias. O esquema não durou muito tempo porque acabaram por perceber o estratagemma, mas enquanto durou, foi solução.

O facto é que o que era real e o que não era real não existia para mim. O risco do que fazia compensava os momentos maravilhosos que vivi na infância, rica, plena de liberdade e criatividade, sem restrições. Todos os dias o perigo existia, mas não o via como uma realidade que poderia tornar-se fatal. Exemplo disso é a estória que guardo na memória e que, hoje, me faz lembrar o famoso filme “Aniki Bóbó”, em que um dos miúdos é atropelado por um comboio precisamente no local próximo do meu colégio.

O risco do que fazia compensava os momentos maravilhosos que vivi na infância, rica, plena de liberdade e criatividade, sem restrições.

E faço esta associação porque uma das brincadeiras que costumávamos fazer passava-se na própria estação de Campanhã, um lugar que nos fascinava até à alma. Ver os comboios partir e chegar e observar os maquinistas a emparelhar os vagões, era algo indescritível. A sensação de que eles nos provocavam era facilmente resumível a uma palavra: adrenalina, talvez, por isso, quando saltávamos (eu e o grupo das brincadeiras) para dentro dos comboios em andamento, não pensávamos na queda, mas no prazer da aventura e na pequena viagem de borla. Os chefes da estação começaram a identificar-nos e a gritar-nos sempre que nos viam, como quem enxota um animal, tentando impedir-nos de desafiar o perigo que significava domar um vagão em movimento. Era tudo em vão. Expor-nos ao limite do que era seguro estava fora de questão.

Um dia, eu e o Zé decidimos que seria engraçado ver como era feito um vagão por baixo. Para isso, teríamos que nos deitar entre as linhas e esperar que ele corresse sobre nós.

- Por que não? - dissemos, olhando um para o outro.

E numa corrida desenfreada, fomos em direção à linha e deitámo-nos encaixados no meio dos ferros, como salsichas no pão. O vagão aproximou-se lentamente, chiando o barulho das rodas no ferro entorpecido pela ferrugem, enquanto as pessoas que assistiam ao momento gritavam como dementes pelas nossas vidas. A adrenalina que nos tomou acelerou-nos o coração e fez ferver o sangue num prazer insano de ver como seria o vagão por baixo.

E vimos! Assim que ele deslizou suavemente na linha férrea sobre a nossa cabeça, matamos a curiosidade, mas também sabemos que iríamos ter de correr como galgos. Se nos apanhassem, nem queria imaginar a tarefa.

Entre as pessoas que nos queriam deitar as mãos, havia gritos de choque, mas não me lembro de olhar para trás, achando que estaria a salvo de castigo se ninguém nos visse muito bem. Foi sol de pouca dura, a polícia bateu à porta de casa e deixou um alerta aos meus pais. Afinal, tinham-me reconhecido. Talvez tivesse corrido devagar, pensei!

Não via os castigos e as palmadas como um inferno existencial. Era o que era. Uma moeda de troca que pagava o preço de fazer o que sentia. Nunca um castigo ou aviso me impediu de subir na retaguarda dos autocarros e ir lá pendurado como um estandarte, nem deixar de correr por lugares recônditos ou mergulhar nos vãos da estação. No meu tempo, a alternativa dos pais, que tinham filhos no mundo, passava por acreditarem que estavam protegidos em todas as diabruras que entravam.

Não via os castigos e as palmadas como um inferno existencial. Era o que era. Uma moeda de troca que pagava o preço de fazer o que sentia.

A minha mãe costuma contar um episódio, de quando era mais pequeno, ocorrido por volta dos 3 anos, que relata o meu desaparecimento da ilha para parte incerta, algures numa manhã de sábado. Apareci somente no final do dia já o sol se tinha posto, impávido e sereno. Como se nada fosse. Apesar de não me lembrar desta história, costumo sublinhar em tom de brincadeira que fui

levado por extraterrestres e foi-me introduzido um chip especial. Não imagino o susto, mas o facto é que a realidade era esta e os pais viviam circunstâncias improváveis, sem muitos recursos para as resolver. Aceitava-se a vida como ela era e, de alguma forma, reconciliavam-se com a dor, quando ela surgia.

Nunca castigo algum me fez mudar a forma como reagia ao quotidiano. Via-os como mais um, menos um. Não podia era deixar de fazer algumas diabruras. Há uma que não posso deixar de referir. Passa-se também na estação de Campa-

Apareci somente no dia seguinte, ao final da manhã, impávido e sereno. (...) fui levado por extraterrestres e foi-me introduzido um chip especial.

nhã, mais especificamente no cais, onde embarcavam os animais para serem transportados. Certo dia, não os levaram, mas antes descarregaram vacas e bois. Ficavam sempre no cais maior, onde mais tarde seriam levados para o local de destino final. O cais era fechado com um portão de ferro, mas era possível, a partir dos limites do cais, ver e espicaçar o gado que ia ficando nervoso com as nossas investidas, gritos e gestos. Não demorámos a ser inspirados por uma ideia que nos pareceu cinematográfica.

— E se abrissemos o portão?

Pensado e feito. Sempre que um de nós dava uma ideia, um – “plim” – ouvia-se no ar e era ‘o ver se nos apanham’. O portão foi aberto sem que o guarda se apercebesse e os animais correram como touros bravos, rua abaixo, só parando no Freixo (2 quilómetros de distância da estação), seduzidos pelo pasto verdejante do descampado, ao mesmo tempo que seguíamos nós, logo atrás, em plena euforia pela confusão de ver uma manada com ares de instintos selvagem. Claro que fingimos não ser nada connosco, assim que a polícia surgiu, mas escapamos por um triz.

Algo curioso, e que ainda me lembro com relativa clareza desta época, era da casa dos meus padrinhos de batismo – a madrinha São e o Tio Cruz (que tinham um carro especial já para a época, um Ford Capri branco), em Britelo, uma aldeia mais a norte (Celorico de Basto). Era para lá que ia uma parte das férias de verão

com os meus primos, Justiniano e Gracinda – um evento que me fascinava pela viagem no dito carro – e de sentir falta desta adrenalina que a cidade me dava.

No entanto, era engraçado perceber como a realidade de um lugar e do outro já me chamava a atenção porque a evolução de um e outro os separava em ‘anos-luz de distância’.

Sem dúvida que, uma das coisas que me fez perceber o quão rudimentar aquele sítio



era, residia no facto de ter de jogar futebol descalço. Para o fazermos (eu e o meu primo Justiniano) em igualdade de circunstâncias com os outros miúdos da aldeia, tínhamos de tirar os sapatos, pois nenhum miúdo daquela aldeia jogava calçado. Sofria a dor agonizante das pequenas pedras a estalar sob os pés, enquanto constatava a serenidade no rosto dos outros miúdos da aldeia, que só me ocorria pensar que teriam uma pele como sola debaixo dos pés.

Para o fazermos em igualdade de circunstâncias com os outros miúdos da aldeia, tínhamos de tirar os sapatos, pois nenhum miúdo jogava calçado.

Velhos tempos que me fazem verificar como a minha primeira década de vida passou por mim a voar. Que o tempo não perdeu e me atirou para a adolescência sem muitos preparativos. De repente, a ilha tornou-se passado e parte do que fui ficou lá, presa entre os muros para lá do portão, recusando-se a crescer.

Neste momento, o pensamento que me ocorre é que escapei das probabilidades de ser alguém muito diferente de quem sou atualmente; de ter descarrilado e ser mais um dos que atira as culpas para a sociedade, pois é fruto do meio envolvente em que nasceu e cresceu.

Deixando a ilha

No dia 25 de abril de 1974, o país preparava-se para sofrer a maior das metamorfoses que, mesmo não a entendendo na sua conceção, não impedia que estivesse a acontecer e mudasse a vida de todos, incluindo a minha, ainda precoce, mas prestes a experienciar uma reviravolta. E que reviravolta!

E sublinho reviravolta, não só porque as circunstâncias me levariam noutra direção, de facto, mas porque os acontecimentos que se desenhavam ao meu redor não deixavam dúvidas acerca do quão transformadores seriam.

Começamos pelo rebuliço e era um rebuliço sério. De repente, estava de malas aviadas e bagagens prontas para abandonar a ilha e um dos meus maiores amigos, o Zé mudo. Como era possível estar à porta da casa que me viu nascer, preparado para sair dali? Pois é, estava. Eu também vivia o meu 25 de abril.

Os meus pais – resultado de muito trabalho – e movidos pelo desejo inabalável de uma vida estável, longe de privações para a família, tinham conseguido uma conquista daquelas que se apregoa com um grito no peito. É incrível dar-me conta como esta visão sempre me acompanhou ao longo dos tempos e foi exatamente o tempo que mo viria a comprovar. A dado momento das nossas vidas, no período ainda do 25 de abril, a ilha iria fazer parte do nosso – meu – passado e, naquele dia, cuja data

Os meus pais - resultado de muito trabalho - ... tinham conseguido uma conquista daquelas que se apregoa com um grito no peito.

se varreu da memória, mas o momento permanece ainda vivo, quando atravessei o portão de ferro da Ilha do Tanoeiro para nunca mais o trespassar, deixou-me a saudade presa na alma.

Os meus pais tinham alugado uma casa em Ermesinde (aldeia, na altura), mas não era uma casa qualquer. Era uma das casas mais altas da localidade, situada num pequeno prédio de 3 andares.

Que feito! Não julguem que isto era uma coisa que acontecia todos os dias ou como hoje, que basta querer e tudo se arranja. Naquele tempo, o querer não era suficiente.

Nós fomos morar para o primeiro andar e, embora, atualmente, passe por lá uma estrada principal, à época as ruas eram em terra batida, sem grandes urbanizações. Era uma nova ilha, mas sem portão e a céu aberto.

É curioso verificar, agora, como os meus pais fizeram o que achavam ser o melhor para os filhos. A mudança teve este fundo de verdade: uma vida melhor a pensar em nós.

Foi uma mudança e tanto, com cheiro a revolução porque sair de uma ilha para morar numa casa com três quartos, uma sala, varanda, garagem e uma casa de banho com água quente, era coisa de filmes. Ninguém tinha uma casa assim. Lembro-me apenas da minha madrinha São a ter, mas como o meu padrinho era engenheiro, viver num lugar como eles viviam fazia parte.

É curioso verificar, agora, como os meus pais fizeram o que achavam ser o melhor para os filhos. A mudança teve este fundo de verdade: uma vida melhor a pensar em nós.

Não era comum ver famílias como a nossa, a lutar por uma vida um degrau acima. Por isso, ter mudado para Ermesinde e para a nova casa, onde tinha o meu quarto individual, depois de dormir uma década com a minha irmã no sofá da sala, era simplesmente incrível. Ah, e ter a casa de banho lá dentro, impensável até há poucas semanas antes disto acontecer. Eu estava a viver um fenómeno que achava só ser possível a alguns.

Se por um lado, eu não ficara muito certo em querer sair de Campanhã, pois significava largar o ambiente onde reinava e onde permaneceria o meu séquito, por outro, ter uma casa comparável a um “palácio” era um momento que fazia história. Lembro-me de pensar como é que os meus pais tinham conseguido uma coisa destas e, não me querendo repetir em reflexões, era óbvio que só o conseguiram a trabalhar muito. Mesmo assim, esta conquista significava escoar a maior parte do salário do meu pai para pagar a renda. Algo que os obrigava a uma ginástica financeira digna de prémio, pois nunca passámos dificuldades, nem nunca nos faltou nada.

De facto, o trabalho era a palavra de ordem que definia o meu pai e a minha mãe e isso viria a formatar-me, mesmo que inconscientemente. Uma coisa eu sei, para eles, deve ter sido muito duro esta nova adaptação e desafio.

Entre este salto de um lugar para outro e a despedida de uma vida que não voltaria a viver, foi interessante verificar como alterando o contexto, se altera a circunstância. E explico o meu raciocínio que, longe de querer que seja filosófico, tem o seu quê de pedra filosofal na forma como a estória que se segue aconteceu.

Enquanto os meus pais faziam a mudança com os móveis de um lado para o outro, eu e a minha irmã víamos o tempo passar languido e pausado entre a varanda e as janelas, esperando algum pedido de ajuda. Mas foi só o tempo de me aperceber que eles não precisavam de mim, que não tive meias medidas e decidi ir ver o que se passava do lado de fora, nas redondezas do meu novo habitat, sobretudo porque já tinha feito o reconhecimento da zona e dera com um pequeno “campo de futebol” com pedras a fazer de balizas a escassos 50 metros de casa.

Achei que ir ‘apalpar terreno’ era mais útil do que estar na varanda a ver chegar os móveis que já conhecia. Desci com o intuito de me dirigir ao campo de futebol para observar um grupo de rapazes a jogar. Desci seguro e confiante, afinal eu era o Tininho, aquele que não tinha medo de nada, nem de ninguém. Esquecera-me apenas de um pormenor, é que eu já não tinha o Zé mudo comigo, contudo, em vez de isso me tirar a confiança, ganhei uma nova.

Aproximei-me e sentei-me, numa primeira fase, a estudar o cenário, convencido que teria o meu minuto de fama no palco a qualquer momento. E não me enganei. De repente, deram por mim,

De facto, o trabalho era a palavra de ordem que definia o meu pai e a minha mãe e isso viria a formatar-me, mesmo que inconscientemente.

Desci seguro e confiante, afinal eu era o Tininho, aquele que não tinha medo de nada, nem de ninguém.

sabendo bem que era caloiro na vizinhança. As mudanças têm isto de bom, falam por nós, mostrando a todos quem somos sem ter que nos apresentar.

— Ei, tu... queres jogar? — perguntou-me um.

— É o miúdo novo... — disse outro, como se fosse o chico-esperto do grupo.

Eu não demorei a responder ao convite, afinal o que mais queria era saltar para dentro daquele campo e mostrar como se jogava a um grupo de pernetas, portanto, não me iria fazer rogado.

— Vamos embora jogar! — exclamei com a confiança que nunca perdi. Jogar à bola era o mais normal e tranquilo para quem gostava de andar a cometer traquinices e a envolver-se em pugilismo de rua. Estava preparadíssimo!

Em segundos, a bola começou a rolar entre os meus pés e não teria jogado mais do que meia dúzia de minutos, quando um deles tem o infortúnio de me passar uma rasteira. Só senti as minhas pernas cederem e o meu corpo cambalear até não me conseguir mais segurar de pé e cair para o centro de um tufo de silvas. O meu corpo sentiu cada um dos seus picos perfurarem-me a pele, infligindo-me a dor característica. Reagi o mais depressa possível, saltando para fora daquele bárbaro silvestre, ao mesmo tempo que senti os nervos a tomarem conta do meu bom senso.

Foi num ápice que saltei em direção ao meu adversário e lhe disferi alguns socos bem dados para lhe mostrar o significado de *fair-play*. O que eu não percebi logo foi que o irmão mais velho estava atrás de mim, empunhando um troço de uma couve que, à falsa fé, o colocou em movimento, rodando-o no ar até me acertar com ele em cheio na cara.

Que dor lancinante!

REGRAS BÁSICAS DO FUTEBOL DE RUA

- 1 - Os dois melhores não podiam jogar na mesma equipa;*
- 2 - Os dois melhores escolhiam as equipas, selecionando os jogadores de forma intercalada;*
- 3 - Ser escolhido em último lugar era uma humilhação;*
- 4 - O dono da bola jogava sempre e na equipa do melhor jogador;*
- 5 - Uma equipa jogava sem camisola;*
- 6 - Os considerados piores jogadores 'iam à baliza' ou no limite ficavam à defesa;*
- 7 - Se ninguém aceitasse 'ir à baliza' era à vez e mudavam sempre que entrava um golo;*
- 8 - Nos penalties, quem ia tentar defender era o melhor jogador;*
- 9 - Não havia árbitro; as faltas tinham de ser evidentes e reconhecidas pela maioria ou pelos mais fortes;*
- 10 - Se a bola saísse pela lateral e, se houvesse dúvidas, era de quem a lançasse mais depressa para dentro do campo e o jogo seguia;*
- 11 - Quem chutava a bola para longe ou para os vizinhos tinha de a ir buscar;*
- 12 - A partida acabava quando todos estavam cansados ou quando chegasse a noite ou quando o dono da bola tivesse de ir embora;*
- 13 - Mesmo que a partida estivesse 10 a 0, acabava sempre com "quem marcar ganha".*

Eu, que nunca tinha ido parar ao hospital, enquanto morei em Campanhã, e no meu primeiro dia de mudança (ainda nem ali vivia), experienciava a dor do orgulho e o ardor de um ferimento que me obrigou a ser suturado junto ao olho. Foi uma estreia que me ficou atravessada na garganta. Claro que este acontecimento não alterou em nada a minha forma de estar, nem temer o novo lugar que me recebia, no entanto, foi graças à interferência da minha mãe e da D. Miquinhas, mãe dos dois irmãos (o Luís e o Joca), após uma grande lavagem cerebral, que a vingança, que costuma ‘ser um prato que se come frio’ nestas idades, deixou de ter força. O pensamento do “quando te apanhar sozinho, és meu” desvaneceu-se a tempo e acabamos por nos tornar amigos.

Claro que este acontecimento não alterou em nada a minha forma de estar, nem temer o novo lugar que me recebia,

Como se pode concluir, a minha adaptação a Ermesinde, onde havia imenso espaço e menos perigo do que aquele que prometia estar em cada esquina de Campanhã, foi relativamente pacífica e, quando comecei a conhecer o novo lugar onde, agora, morava, nada me impediu (nem outro troço de couve) de continuar a andar sozinho pelas suas artérias. Porém, as regras de casa é que tinham mudado e o tempo passado na rua viu outros contornos.

Como a minha mãe começou a trabalhar em casa, o controlo parental impôs-se na minha rotina, caindo por terra toda aquela liberdade que vivi até aos 10 anos. Passei a ter horas de saída e entrada durante a semana e os fins-de-semana tinham normas rígidas. A porta abria-se e fechava-se como a cancela de uma fronteira, numa fiscalização que eu não conhecia, mas à qual tive de obedecer.

Mudavam-se os tempos, mudavam-se as vontades.

Mudavam-se os tempos, mudavam-se as vontades.

Por falar em normas rígidas, recordo com saudade a ementa mais ou menos fixa que a minha mãe preparava todos os fins de semana: ao sábado à noite, impreterivelmente às 20h00, era servido um arroz de frango de cabidela e – ai, de mim - se não

estivesse em casa a tempo e a horas. Ao domingo, ao almoço, éramos presenteados com dois pratos: um de peixe e um de carne, e ficávamos isentos de comer sopa que, como costumava dizer o meu avô materno Zé, “a sopa era a tranca do estômago”, como justificação para a comer até ao fim.

O meu avô materno, que após a reforma passou a almoçar em nossa casa, ao contrário do meu avô paterno Diamantino que era um “*bom vivant*”, tinha particularidades muito interessantes: era o homem característico do séc. XX, era o chefe incontestável da família e quem tinha a responsabilidade de trazer dinheiro para casa para alimentar a família e, por isso, mantinha a devida distância dos filhos e mulher (a minha avó) de quem não me recordo, mas com quem nunca chegou a casar. Foi chefe de mesa do famoso café Guarani no Porto, onde os empregados envergavam o tradicional fato branco com o laço a condizer, e recordava com orgulho ter tido a oportunidade de servir o Chefe de Estado Salazar num dos almoços de Estado. A sua reduzida estatura ao invés de o desfavorecer, transformava-o aos nossos olhos de crianças como uma figura de autoridade incontestável que não nos deixava falar enquanto almoçávamos e bastava o seu olhar para nos transformar em pequenas miniaturas de porcelana.

Do meu avô paterno penso que herdei a sua boa disposição, o gosto pela partilha e os convívios entre a família e amigos com que passávamos vários domingos numa qualquer tasca regional onde servisse um bom vinho e um bom presunto. Ele e o Tio Mário, seu irmão e um “exímio habilidoso”

Do meu avô paterno penso que herdei a sua boa disposição, o gosto pela partilha e os convívios entre a família e amigos.

cantador de fado (mais habilidoso do que exímio), eram por várias vezes as figuras principais nos lanches das tardes de domingo; ainda me recordo quando a tarde ia a meio e após um lanche ‘bem regado’, o Tio Mário se levantava duma forma inusitada da sua cadeira e com um estridente “Quando o Hilário cantava” iniciava a sua atuação, recebendo dos presentes o silêncio habitual de autorização informal para o espetáculo que vinha a seguir; e

quando o mesmo a meio da atuação, brindada com palmas e vivas de "...á fadista!!" fazia uma pequena pausa (para refrescar as entranhas) a meio da "música" sem música, pois era cantada "á capela", o público continuava a letra para não deixar arrefecer 'a coisa'.... e 'a coisa' por vezes só terminava quando a letra começava a tropeçar na música (se bem se entende) e os meus Pais e as suas companheiras (dos irmãos Mário e Diamantino) pediam a conta para regressar a casa pela sombra da noitinha, já 'bem avia-dos' e preparados para mais uma semana de trabalho.

Costumo dizer que da família e da sua genética (visível ou não visível) só herdei as coisas boas; essas recordo-as com orgulho como acabei de fazer; as menos boas sinceramente nem me recordo, talvez porque o meu subconsciente alterado pelos Extraterrestres como se devem recordar, foi ajustado para olhar sempre pelos meus interesses e pelo que me beneficia.

Atualmente, chamo a isto o reforço das crenças positivas, em detrimento do que me pode contagiar negativamente e me condicionar com recordações que não me favorecem nem no presente nem no futuro.

(...) o meu subconsciente alterado pelos Extraterrestres como se devem recordar, foi ajustado para olhar sempre pelos meus interesses e pelo que me beneficia.

Pode parecer estranho e até um pouco idiota, mas tenho-me dado bem com esta estratégia.

Para que havemos de nos condicionar a nós e aos outros com crenças negativas?

Explico. Por exemplo, quando os nossos Pais viveram muitos anos, 80, 90 ou mais, é interessante pensarmos que temos aí um fator positivo de genética que nos pode beneficiar em termos motivacionais para chegarmos lá e até ultrapassarmos.

Por outro lado, não faz muito sentido dizer a um filho que recebeu uma nota negativa a matemática, que ele sai ao Pai, pois ele também nunca foi grande coisa a matemática. Percebem a ideia?

Isso não o beneficia em nada, serve como justificação ao seu insucesso e instala no filho uma crença negativa tonta, pois há muitos cientistas famosos cujos pais nunca estudaram sequer.

Depois de vários anos percebi que as palavras que proferimos e interiorizamos têm um peso significativo nos nossos comportamentos e ações.

Depois de vários anos percebi que as palavras que proferimos e interiorizamos têm um peso significativo nos nossos comportamentos e ações.

Para quem quiser saber mais sobre esta temática sugiro uma viagem até ao mundo da PNL – Programação Neurolinguística, área pela qual me apaixonei há uns anos e me ajudou bastante nos ajustamentos que necessitei fazer no meu percurso.

A dificuldade cria o engenho

Cresci numa altura em que, em vez de comprarmos brinquedos, tínhamos de os fabricar. E fabricávamos, assim como criávamos todas as atividades, que nos mantinham ativos, sociáveis e criativos.

E fabricávamos, assim como criávamos todas as atividades que nos mantinham ativos, sociáveis e criativos.

E era nas férias que Ermesinde ganhava mais sentido para mim. Era um tempo em que tudo acontecia e as mais improváveis brincadeiras ganha-

vam alma. Lembro-me de organizarmos os Jogos Olímpicos de rua e, sublinhe-se, eram magnificamente completos. Tínhamos as corridas de obstáculos, os lançamentos de setas ou flechas feitas com vimes, uma modalidade que eu adorava, o boxe (enchia as meias que roubava das gavetas com papel higiénico para as usar como luvas), entre todas as outras que possam estar a imaginar.

Quando não eram os Jogos Olímpicos, eram os Jogos Sem Fronteiras (programa televisivo muito visto na época), ou então uma série de atividades memoráveis que não posso deixar de reviver e narrar. Uma delas eram as corridas de pneus. E não julguem que era fácil arranjar um pneu. Não era, um pneu era algo extraordinário, sobretudo pelo material caro que dificultava a sua obtenção. Não se arranjava um num estalar de dedos, mas conseguindo-o, era instrumento que nos fazia felizes. Com o pau de uma vasoura partido ao meio, encaixávamo-lo na ranhura da borracha e era ver quem corria mais depressa rua abaixo, tentando não lhe perder o autodomínio.

Que proeza de equilíbrio era aquela!

As corridas chegavam a ter mais de vinte rodas, entre curvas, contracurvas e obstáculos. Era uma azáfama só vencida pela adrenalina da dificuldade, quando os enchíamos de água e os tínhamos de conduzir ao longo do circuito sem verter uma gota. Os próprios aros das bicicletas serviam para que os empurrássemos, desenfreados, em verdadeiras maratonas. Ou o jogo do peão, ou os berlindes, ou ainda o guarda-chuva que servia para disputar e

conquistar “a casa”, atirando-o ao ar e fazendo com que a parte pontiaguda do chapéu ficasse espetada no território do jogador oponente. Não havia brinquedos, mas havia brincadeiras e um poder de imaginação que ultrapassava a nossa vã consciência de como eramos engenhocas.

Não havia brinquedos, mas havia brincadeiras e um poder de imaginação que ultrapassava a nossa vã consciência de como eramos engenhocas.

E, como todas as brincadeiras tinham algum risco associado, recordo-me que uma das etapas dos Jogos Sem Fronteiras que tínhamos de ultrapassar, consistia em subir e descer a rampa da garagem do meu prédio de pés e mãos atadas nas costas, numa correria louca pela disputa do primeiro lugar. Num desses momentos de grande despique, a minha irmã Ana desequilibrou-se e, claro, caiu de frente, ou melhor, de nariz no chão com as consequências que não vale a pena pormenorizar (só partiu a cana do nariz).

Brincadeiras mal pensadas, dizemos nós, agora como adultos; sim é verdade, mas mesmo em adultos, por vezes, também não medimos as consequências das nossas ações.

Ermesinde trouxe-me esta nova vida e, também, um novo irmão, o Nuno, de quem passei a ser uma espécie de guardião, trouxe-me novos desafios e uma juvenil integração escolar, pois passara da primária para Escola Preparatória de São Lourenço.

Uma alteração que veio a ter um impacto em mim pela incontestável dinâmica: mais professores, mais disciplinas. E lembro-me muito bem de alguns episódios que marcaram este período como sendo fulcrais na forma como saltei de criança para jovem.

Um desses episódios, que me lançou para um verdadeiro dilema como se tivesse sido atirado para o Hades, foi constatar, na altura, que a minha irmã ficara mais alta que eu. Aquilo não podia estar a acontecer e perguntei-me várias vezes que mal fizera eu a Deus para a ver ultrapassar-me em altura e largura. Vi a minha reputação cair por terra. Mas seria castigo? Eu nem queria acreditar no que me estava a acontecer!

Ela era mais nova do que eu um ano e meio e crescia mais, a sua constituição física já não passava despercebida. Comparada a mim, que continuava pequeno e franzino, era o colmatar da humilhação. Sempre que me metia em confusão devido ao meu feitio rebelde, lá vinha ela ajudar na resolução.

Que frustração! Qual era a vantagem de ser o mais velho?

Mas a verdade é que, pouco a pouco, mais alto ou não, deixava de ser o Tininho de Campanhã, para me tornar no Diamantino, mesmo não estando fácil conseguir o estatuto, com ela a ganhar a corrida. Foi uma altura muito estranha, cheia de coisas diferentes e de grandes transformações interiores. Não quero voltar a citar o nosso memorável Luís Vaz de Camões, mas a verdade é que eu sentia os velhos do Restelo a apregoar as incertezas sobre a modificação do meu corpo e da minha própria personalidade, que (sei-o hoje) fez todo o sentido neste período de vida.

Foi uma altura muito estranha, cheia de coisas diferentes e de grandes transformações interiores.

Continuei a fazer amigos, a integrar-me facilmente por onde passava, a tornar-me efetivamente bom aluno, mas aquela essência do que fora, estava em mutação. Parece que tinha perdido a criança em mim, numa mutação sem retorno, e isso era evidente nas novas relações que aprendi a estabelecer e na influência do contacto, pela primeira vez, com raparigas na escola, até aqui proibidas.

Começara, sem perceber, o caminho de entrega pessoal aos meus objetivos.

Começara, sem perceber, o caminho de entrega pessoal aos meus objetivos, e isso tornou-se tão notório que um dos meus saudosos professores, o ainda agora Professor Armando Guimarães, de Viseu, docente de francês, nunca

mais se esqueceu de mim devido a esse pacto de dedicação e empenho que via em mim, tornando-se, com o tempo, um grande amigo com quem, ainda hoje, mantenho contacto, passados mais de 40 anos.

Mas sabem, mal tinha entrado na pré-adolescência, quando comecei a envolver-me em atividades extracurriculares, nomeadamente, no rancho folclórico, onde os meus dotes de dançarino se evidenciaram!!

Aquela criança rebelde que vos apresentei estava a dar lugar ao jovem, cuja responsabilidade se fazia notar não só na escola, como em relação à necessidade de estar envolvido com tudo que fosse desporto e eventos.

Nunca gostei de estar parado, é um facto, tinha sempre de estar ocupado, ao ponto de ouvir dos meus pais, como rotina, a expressão “tens bichos carpinteiros, rapaz” e, se me vissem muito quieto, não demoravam a expressar, em tom inquisidor:

— Tu estás a tramar alguma!

Sem dúvida que a escola preparatória me introduziu um novo mundo, permitiu-me conhecer mais pessoas (amigos que ainda revejo e convivo de tempos em tempos) e ser ainda mais dinâmico com uma vertente altamente sociável.

Nunca andei sozinho e nunca promovi a solidão na minha vida desde que me conheço, mas tenho de admitir que, nesta fase do meu crescimento, o controlo veio substituir a experiência de liberdade que tivera em

Nunca andei sozinho e nunca promovi a solidão na minha vida desde que me conheço.

miúdo. Porém, essa supervisão deu-me grandes argumentos para eu poder passar pela adolescência com menos danos colaterais; mas não nego que foi na infância, na ilha e pelas ruas de Campanhã, que aprendi a sobreviver e a defender-me com uma capacidade que me permitiu sempre resolver os problemas sozinho.

Eu levava comigo para Ermesinde a experiência de rua, não a superproteção que envolve as crianças numa redoma e, depois de atirados aos lobos, deixa que nos consumam. O controlo por parte dos meus pais, no início da minha adolescência, foi essencial para que a tal liberdade adquirida não se transformasse em libertinagem incutida.

Foi no momento certo, na hora certa, com pulso firme que fui direcionado por um caminho, e eu sabia bem quais as

consequências se me metesse por trilhos. Se isso ajudou ao meu bom desempenho nos estudos? Talvez, mas uma das características que já evidenciava aos 6 anos era o meu perfil de liderança.

Gostava e queria estar entre os melhores, desviando o foco para o resultado.

Gostava e queria estar entre os melhores, desviando o foco para o resultado. Lembram-se da estória do pão?

Muito cedo, aprendi a estudar ‘como uma menina’. Curiosamente, ensino isto aos meus alunos como ferramenta

para obtenção de resultados díspares. Dá trabalho, mas faz a diferença.

Mas o que é que será isto de estudar como menina?

Traduzo em linguagem igualmente corrente: ‘passava a limpo’ o que escrevia nas aulas. Era um dos meus hábitos, adquirido por ver a minha irmã a fazê-lo também. Eu sentava-me em casa, depois das aulas, a copiar toda a matéria lecionada para um caderno de casa, sublinhava as partes mais importantes, pintava com cores diferentes o que era mais relevante e, sem me aperceber, relia tudo mais uma vez; parava nas partes que, de facto, eram essenciais,

... formatava tudo num cérebro ávido por aprender e por querer ser bom.

formatava tudo num cérebro ávido por aprender e por querer ser bom. Depois, escrevia sempre uma ou outra dúvida no caderno da escola para perguntar ao professor na aula seguinte, mostrando o meu interesse e

empenho, trabalhando para o sucesso sem me sentir obrigado a fazê-lo.

Este raciocínio, bastante concreto, foi sempre uma das versões que mais me facilitaram a vida nas aulas, posicionando-me, mais tarde, como um homem das matemáticas, da relação com os números e extremamente competitivo.

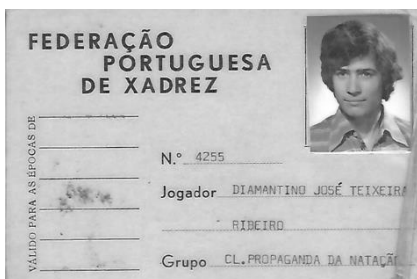
E, ao falar em competição, não posso deixar de referir a importância do Adalberto Costa Júnior (atualmente, o Presidente da UNITA) que estudou comigo na Escola Secundária de Erme-sinde (mais conhecida como ‘Barracão’, pois era um armazém transformado em Escola). Ele juntamente com o Alfredo (meu

vizinho), foi um dos poucos concorrentes às melhores notas que tive e, com isso, sem quererem, serviam de incentivo e motivação extra para eu desenvolver mais as minhas aptidões; no entanto, estava ainda longe de perceber quais as minhas reais competências,



mesmo tendo chegado a ser o primeiro Presidente da primeira Associação de Estudantes da Escola Secundária de Ermesinde, entre o 8.º e o 11.º ano. Fazia-o, não olhando à responsabilidade, mas à diversão.

O 8.º ano catapultou-me para as cadeiras de reuniões do Conselho Diretivo, a fazer parte do núcleo da JSD (Juventude Social Democrata) e a conseguir apoios para



levar adiante todas as ações que desenvolvíamos na associação. Em 1980, por exemplo, contamos com a atuação do hoje conhecido grupo de rock - GNR - na Escola Secundária de Ermesinde, para um evento que juntou centenas de pessoas. Pode

não parecer nada de relevante, mas convém realçar que só tínhamos 15/16 anos.

De um momento para outro, comecei a ter um grau de risco elevado no patamar que descreveria como liderança e que, sem dúvida, teve a sua raiz na minha para sempre ilha, no mundo que me ensinou a querer fazer coisas sem medo e de forma empreendedora.

Méritos a que se juntou a minha paixão pelo xadrez (tendo sido Campeão Regional de Cadetes, aos 11 anos). Modalidade que sempre defendi que deveria ser implementada nas escolas, à imagem dos chamados

O xadrez promove a plasticidade do cérebro, fazendo-nos seres pensantes.

Países de Leste. O xadrez promove a plasticidade do cérebro, fazendo-nos seres mais pensantes.

Apaixonei-me de tal maneira pelo jogo que passava horas infinitas à volta do tabuleiro e das 32 peças que o animavam, conquistando aquilo que todos nós queremos, o reconhecimento de jogador, só conseguido após horas infinitas de jogos - com e sem tabuleiro (apenas usando a capacidade visual e de memória, ou seja, sem as peças).

... conquistando aquilo que todos nós queremos, o reconhecimento...

O prazer que eu tinha de jogar e de sentir a assistência atrás de mim, eufórica, por reconhecer a capacidade que usava, fosse em jogos com vários adversários em simultâneo, ou de um-para-um. Era o reconhecimento que me inebriava no xadrez. A adrenalina da vitória.

Foi aqui, neste tempo da pré-adolescência, que me fui autoafirmando e formando no rigor e na disciplina, consequência de me ter envolvido, já mais crescido, com a prática da atividade física (pensei mesmo ser professor de Educação Física). Cheguei a ser atleta federado no atletismo, futebol, andebol e basquetebol.



Nada disso, diminuiu as regras em casa, pelo contrário, ao fim-de-semana não podia chegar depois da meia-noite, qual Cinderela, e cheguei mesmo a abandonar partidas em torneios, para cumprir com as normas que sabia que eram para executar, se queria manter a liberdade que me era concedida. Eu era o meu maior fiscal e o meu maior adversário.

Tempo? Tinha que o arranjar e, digo-vos, quanto mais atividades tinha, mais disciplina e organização desenvolvia.

Tempo?

Tinha de o arranjar e, digo-vos, quanto mais atividades tinha, mais disciplina e organização desenvolvia.

Ainda há uma frase que os meus amigos me ouvem de quando em vez pronunciar, e que provem da experiência vivida nessa altura. Se precisares de ajuda, pede a alguém que tenha uma agenda superpreenchida, esses sempre arranjarão um tempo para te ajudar, pois os outros que nada fazem, dificilmente conseguem ter tempo disponível para eles, quanto mais para ajudar os outros.

Se precisares de ajuda, pede a alguém que tenha uma agenda superpreenchida, esses sempre arranjarão um tempo para te ajudar, pois os outros que nada fazem, dificilmente conseguem ter tempo disponível para eles, quanto mais para ajudar os outros.

Infelizmente, ainda existem muitas pessoas que continuam a confundir a falta de tempo com a falta de disponibilidade.

De nadador-salvador a árbitro

A minha passagem pela Escola Secundária de Ermesinde, mais especificamente pelo ensino secundário, poderia ter sido igual à de todos os outros colegas, mas a mim trouxe-me algumas dúvidas existenciais que, hoje, qualifico como ansiedades de um balanço entre “o que quero ser quando for grande” e o “já sou grande suficiente para o fazer”. Acho que acontece a todos, este tipo de impasse na fase dos 16 anos, mais coisa menos coisa, mas eu vivi esta questão intensamente e com perguntas retóricas que me davam alguma dor de cabeça devido a determinadas dúvidas que emergiam.

Mas, que dúvidas poderiam ser tão conflituosas, ao ponto de me fazerem balançar? Não eram muitas, mas para mim, tinham peso e densidade. O meu grupo de amigos começou a partir-se em vários fragmentos, todos eles relacionados com o desejo de começarem a trabalhar (nesta altura, era possível fazê-lo a partir dos 16 anos).

Era típico chegar-se a esta idade e abandonar a escola, algo muito alicerçado pela própria lei do País que ditava o ensino obrigatório somente até ao nono ano e ainda pela ideia preconcebida de uma espécie de maioridade (sem maturidade de nenhuma natureza).

O facto indiscutível é que a partir daqui os jovens, no geral, viam novas possibilidades no horizonte, uma delas fortíssima: a independência, o poder ganhar dinheiro.

Lembrem-se que, na década de 80, a acessibilidade a muitas das coisas que os adolescentes têm acesso atualmente, eram um oásis. Até as podiam imaginar, mas para lhe tocar era necessário mais do que estudar. Não se ia ao cinema como hoje. Não se ia comer fora, como hoje. Não se ia para um café como hoje. Nem se tinha dinheiro no bolso como hoje. Longe do que vemos a acontecer no século XXI, o século XX era de facto uma outra era.

Mas pensem comigo, quem é que não queria ganhar ‘uns trocos’ para poder sair à noite e levar a namorada? Comprar o

primeiro carro ou motorizada e sair por aí de alma solta? Eu respondo a isso: todos!

Era difícil a escola combater todas as vantagens que o mundo para lá dela prometia. Era mais do que natural os jovens quererem conquistar a liberdade e voar como pássaros. Arrumar os livros que lhes pesavam como correntes nas estantes, sem perceber que eram eles que lhes dariam as asas no futuro. Crescia-se com outros valores, com outras crenças e vontades que, não tendo uma boa base parental, restringiam quem poderíamos ser em adultos.

Não sei se eu já teria essa visão da importância de estudar para ser um homem livre, ou se se foi o poder paternal que não me deu muitas alternativas de preferência e que viria a fazer toda a diferença na minha vida, admito.

Lembro-me de ainda ter caído na tentação de argumentar sobre o assunto lá em casa. Afinal, o meu pai também não tinha grandes possibilidades de me estar a alimentar as saídas com os amigos e alguns dos meus gostos pessoais. A tentação foi tão grande que corri o risco de lhe tentar mostrar algumas vantagens de eu ingressar no mundo laboral, estudando à noite, mas o olhar dele nem chegou a ser de indignação. Percebi imediatamente a sua indiferença quanto a este “não assunto”.

Para ser sincero, o meu argumento de estudar à noite era evidentemente ‘uma treta’ porque dificilmente alguém conseguia ser bem-sucedido - no trabalho ou nos estudos - quando ambos se misturam, exigindo foco, disciplina e compromisso sobre aquilo que interpreto como uma demanda excruciante: o cansaço destes feitos em paralelo e misturado com a descoberta de se ser adulto.

Normalmente, quem saía prejudicado nesta escolha eram os estudos e a promessa de se “ser alguém”. A maior parte dos alunos que optavam pelo ensino noturno, desistia, cansados e prostrados pelo ritmo alucinante e, em menos de dois tempos, enterravam no passado a promessa incumprida e avançavam como um comboio desgovernado para um futuro carente de alicerces e que não lhes prometia nada a não ser uma vida previsível.

Portanto, quanto a este assunto, eu tinha duas alternativas, se as quiser classificar assim:

— “Podes fazer o que quiseres, mas os estudos não são negociáveis. Estudar não é trabalhar, meu filho. Tens tudo aquilo que é necessário aqui em casa, não te falta nada, nem te pedimos que contribuas seja com o que for!” — afirmou extremamente rigoroso o meu Pai — “o teu trabalho é estudar”.

— **Podes fazer o que quiseres, mas os estudos não são negociáveis (...) afirmou extremamente rigoroso o meu Pai — o teu trabalho é estudar.**

Para quem tinha esperança de conseguir mudar o rumo das coisas, esta conversa pôs um ponto final em qualquer tentativa de me desviar do caminho, mas eu continuava a ver todos os outros amigos a seguirem esse trilho e a meterem dinheiro no bolso. Em contrapartida, eu não tinha essa escolha, achando que eles é que estavam a ser inteligentes, enquanto eu estava sujeito às amarras da sapiência, sem perceber porque não podia fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Claro que o tempo veio mostrar-me que os meus pais tinham razão. Todo o tempo que dediquei aos estudos foi o pilar para me ter tornado no homem que sou hoje e, se for comparar esse passado com o presente, percebo quanto eu cresci relativamente aos meus amigos. E, é notório e possível fazer esta comparação porque nos continuamos a reunir todos os

Todo o tempo que dediquei aos estudos foi o pilar para me ter tornado no homem que sou hoje.

anos no primeiro sábado de cada mês de junho, num almoço-convívio saudoso dos velhos tempos. É fácil observar-lhes a vida sem grandes mutações ao longo dos anos, ganhando quase o que ganhavam na altura (com a devida correção monetária). Do outro lado da margem estou eu, num processo contínuo de crescimento, a programar o meu futuro ainda com muitos “amanhãs” e a ganhar bastante mais que qualquer um deles.

Hoje, entendo a inflexibilidade das palavras do meu pai. Foram um farol no meio de um oceano que eu começava a navegar e achava conhecer. O meu pai apontou-me firmemente o caminho

para a minha melhor versão, tal como posteriormente fiz com os meus filhos (que, provavelmente, também, não entenderam algumas das minhas intransigências). Foi o gesto dele que fez a diferença e costume partilhar esta história com os meus alunos porque a educação que recebemos dos nossos progenitores demarca os limites entre o que achamos ser o melhor e o que realmente é.

Tanto o meu pai como a minha mãe, sempre me exigiram que estudasse e continuei a fazê-lo mesmo tendo achado que seria capaz de o fazer da mesma forma se me tivessem apoiado na questão do trabalho. Continuei a estudar, mesmo que não tivesse dinheiro para sair à noite ou para ir jantar fora, devido à escassez de recursos monetários extra.

Não me revoltei como um presidiário que não aceita a sentença. Pelo contrário. A velha história do “tu não tens querer” funcionou na perfeição para fazer de mim o adulto em que me tornei. Se tivesse seguido o meu querer, seria um outro Diamantino, numa outra vida, a viver outros desafios, provavelmente, mais passivos, mas longe da rota para a qual estava destinado.

No entanto, tudo isto não significou o fim de um desejo.

Não tinha porque o ser. Aquilo que percebi foi que, se não podia abandonar os estudos, se o trabalho não podia vir a mim, eu poderia ir ter com o trabalho. Só me exigiria dar um pouco mais de asas à imaginação e usar os meus tempos livres para criar solução ao problema.

Só me exigiria dar um pouco mais de asas à imaginação e usar os meus tempos livres para criar solução ao problema.

“Faz o que quiseres, mas...” era esta a frase que não me fugia da cabeça. Desde que os estudos não fossem prejudicados, eu poderia criar o meu objetivo.

Estava à espera do quê?

Como não tinha aulas ao sábado, planeei, juntamente com outros amigos, irmos para a CIMPOR meter carvão nos gigantescos fornos que ardiavam como o fogo do inferno, para ganhar algum dinheiro que desse, pelo menos, para sairmos ao fim-de-semana. Aquilo foi uma ideia que não lembrava ao diabo, mas contra factos

não há argumentos e a verdade era uma: eu ganhava o suficiente com este *part-time*, para poder sair à noite sem ter de contar os tostões. Diria mais, sentia-me um rapaz cheio de sorte e quase rico, levando uma pequena fortuna nos bolsos, conquistada com o próprio suor.

Mal ou bem, sentia a euforia de ganhar dinheiro e era um tanto ou quanto viciante. Essa sensação trazia-me poder, ou controlo (talvez seja a palavra mais adequada) que só a energia do dinheiro traduz, o que me aproximou do entendimento de muitos deles a preferirem, em vez de estarem na escola.

Claro que nem sempre existia a possibilidade de ganhar dinheiro na CIMPOR e, não havendo essa possibilidade, rapidamente encontrava uma alternativa. Uma delas era a recolha de objetos sem utilidade, os chamados monos velhos, fossem livros, revistas de “cobiada” ou banda desenhada, peças de decoração ou ferramentas que estavam prestes a ser deixadas ao abandono. O nosso objetivo era recolhê-los para os vender na Feira da Vandoma nas Fontainhas – Porto (uma espécie de Feira da Ladra), onde tudo se vendia e tudo se comprava. Muito à imagem da “Lei de Lavoisier”, conosco nada se perdia, tudo se transformava. Nunca, jamais, deixávamos escapar uma boa oportunidade.

Muito à imagem da “Lei de Lavoisier”, conosco nada se perdia, tudo se transformava. Nunca, jamais, deixávamos escapar uma boa oportunidade.

Fazíamos, assim, uma recolha minuciosa e depois apanhávamos o primeiro comboio para o Porto, às 5h45 da manhã de sábado, para acamparmos até às 13h, com a nossa toalhinha estendida no chão, expondo todo o material na feira.

Este trajeto de recolha era algo facilitado porque havia sempre alguém que chamava lixo ao que nós apelidávamos de dinheiro. Infelizmente, os meus pais nunca tinham coisas antigas para “doar”, mas entre vizinhos e amigos dos amigos, era sempre em número razoavelmente interessante o que recolhíamos para o negócio ser rentável e nos permitir usufruir da ‘febre de sábado à

noite'. Curiosamente, esta minha atividade comercial deixava-me espantado. Como era possível existirem pessoas que compravam o que os outros já não usavam por estarem velhas? Era uma pergunta retórica que só viu resposta muitos anos mais tarde, quando também eu comecei a valorizar coisas antigas.

Mas, e se nada disto corresse bem? No limite da necessidade, recolhíamos papel, fosse em formato de jornais ou cartão, que vendíamos para reciclagem. Normalmente, passávamos a ronda pelos cafés e apanhávamos resmas e resmas de blocos de jornais ou caixas. No entanto, este empreendimento, era pouco sedutor devido à miséria de dinheiro amealhado para o trabalho que exigia. O cerne da questão é que todos os tostões contavam para podermos ir à francesinha ou à festa de garagem. Exatamente, garagem.

Nos anos 80, ainda não estava muito bem implementada a moda das discotecas como as conhecemos hoje. O que fazia sucesso, ao domingo à tarde, eram as festas promovidas em caves, garagens e outros espaços privados. Era a folia do São João, mas restrita.

Isto deu-nos, a mim e a um pequeno grupo, uma ideia progressista. Porque é que não criávamos nós uma festa de garagem, em que pudéssemos cobrar entrada e 'produzir' dinheiro?

Isto deu-nos, a mim e a um pequeno grupo, uma ideia progressista. Porque é que não criávamos nós uma festa de garagem, em que pudéssemos cobrar entrada e produzir dinheiro?

Era um desafio e tanto, que nem nos apercebíamos de quão exigente se tornaria, devido não só à organização que implicava, como à gestão de um público que, mal ou bem, era cliente. Porém, era algo que nos estava a entusiasmar e não íamos levantar problemas a nós próprios. Não era da nossa natureza. Íamos avançar e fazer acontecer.

Comecemos pela garagem.

Em que garagem isto poderia acontecer?

Um deles, o Fontes, tinha uma garagem enorme no prédio do avô e era essa a nossa melhor hipótese. Portanto, deitámos os

dados da sorte ao ar e ele pediu ao avô se a podíamos utilizar aos domingos de tarde.

O “sim” do avô e a anuência dos vizinhos veio dar-nos livre-trânsito para arrancar com uma das minhas mais incríveis aventuras, obrigando-nos mesmo a ser uns empresários mirins em que a logística se misturava à diversão. Uma logística não tão simples como possam imaginar. Não se esqueçam, tínhamos 16 anos e pouco sabíamos sobre a vida.

(...) obrigando-nos mesmo a ser uns empresários mirins em que a logística se misturava à diversão.

Perante o arranque da empreitada, era necessário comprar lâmpadas, um gira-discos e arranjar a música. Ora, era aqui que ‘o gato torcia o rabo’. Não havia dinheiro para comprar vinil (música verdadeira, como eu lhe chamava). Os discos custavam uma pequena fortuna e nós mal tínhamos para começar. A única saída possível era gravar as músicas diretamente do rádio para o gravador de cassetes.

Começámos, então, a não perder as emissões da Rádio RFM, e os *slows* do célebre programa “Oceano Pacífico”. Eu, em particular, punha-me junto ao gravador, trocando os dedos entre o *play* e o *stop*, para garantir a *playlist* de domingo. Mas, muitas vezes, a meio da música, caía o *slogan* da rádio e a faixa deixava de ser viável (rssss).

Apesar disso, o sacrifício valia cada minuto, valia cada *slow*, o momento alto da tarde de domingo. O momento em que os rapazes seduziam, na sua ingenuidade, os primeiros amores, ou os segundos ou até os terceiros. É que neste meu tempo as ‘namoradas mudavam-se como quem mudava as calças’. Uma semana, era uma, na semana seguinte, era outra. O mais importante era viver e, se fosse a beijar o máximo possível de miúdas, melhor ainda. No entanto, a inocência era muito mais inofensiva. O tempo veio modificar a beleza da conquista, tornando muito mais efémero e fugaz aquilo a que chamo ‘ao Deus dará de paixão’. No meu tempo, as paixões eram assolapadas e, quando não o eram, passava-se de uma para outra, com um sorriso.

Belos tempos em que morríamos de amor todos os dias e apaixonávamos mais depressa ainda. Curiosamente, eu nunca fui um pinga-amor, era reservado e muito moderado, estava longe de ser um “Don Juan” que vivia a piscar o olho às colegas da escola. Os meus interesses eram bastante maduros para a idade, diria. E eram tão responsáveis, que a organização destas tardes de folia, ficava muito à minha responsabilidade, pois os meus amigos da organização tinham simultaneamente de dar a devida atenção às suas conquistas, mais ou menos fugazes. Não delegava diretamente funções, mas orientava o processo, tomando as rédeas de quem devia ficar à porta, quem fazia os bilhetes, quem vendia as bebidas (normalmente, as namoradas), quem ficava nas luzes, eu era o DJ por vezes e outras vezes o “men” das luzes psicadélicas e, claro, o contabilista no fecho do evento.

Os meus interesses eram bastante maduros para a idade, diria. E eram tão responsáveis que as organizações destas tardes de folia ficavam muito à minha responsabilidade...

Fi-lo durante algum tempo. E gostava tanto da arte que, quando abriu a primeira discoteca em Ermesinde - uma verdadeira discoteca - com uma bola de cristal a sério – A Jamanta – eu acabei por ter direito à experiência de pôr música numa discoteca a sério.

Agora que falo na bola de cristal, recordo a nossa, feita à mão com esferovite e pequenos espelhos. Não era daquelas bolas incríveis que refletiam feixes de luz coloridos e dispersos, mas fazia-nos crer que poderia ser. A garagem tornou-se num êxito sem precedentes, e as notícias do que lá acontecia, também. Cada vez, eram mais alunos da Secundária a aparecerem nas matinés de domingo e cada vez era mais dinheiro a entrar. Ganhámos bastante dinheiro, consequência de uma estratégia de marketing intuitiva: vendíamos os bilhetes na escola e a maior parte da população estudantil era um *target* certo. A garagem rompia pelas costuras, chegando muito perto de albergar cerca de duzentos adolescentes frenéticos, a extravasar a sua adrenalina, entre as 14h e as 20h. de domingo.

Com o decorrer desta atividade, e fruto do dinheiro que entrava, conseguimos investir em “novas tecnologias”, como luz negra ou *strokes*, mas sobretudo, discos. Comprar vários discos importados na única loja que os vendia no Porto – a Tubiteck – foi o auge da nossa atividade porque, finalmente, podíamos ouvir Pink Floyd, Metallica, Michael Jackson, Madonna e todos os grandes LP’s e *hits* do momento de forma profissional, com um som inacreditável, sem opacidade de fundo e sem nunca mais ter de gravar músicas por cima de outras músicas, numa cassete, onde puxávamos a fita com uma caneta BIC, sempre que ela se soltava de tanto uso.

Com o decorrer desta atividade e do dinheiro que entrava, conseguimos investir em “novas tecnologias”.

Fazer esta viagem na memória, é admitir que eu cresci numa sociedade maravilhosa, que me ensinou a ficar preparado para ser adulto. Já não tinha dias disponíveis para fazer asneiras, pois estava demasiado ocupado para isso: eram os estudos durante a semana, os fins de tarde para treinar, as noites a ouvir rádio e a gravar a *playlist*, e os fins de semana a jogar e a organizar as festas de garagem.

Fazer esta viagem na memória é admitir que eu cresci numa sociedade maravilhosa que me ensinou a ficar preparado para ser adulto.

Correndo o risco de me esquecer de algum, recordo com saudade os meus companheiros dessas tardes loucas: o Fontes, um menino com uma voz de homem que metia respeito, a quem carinhosamente, por vezes, chamávamos “o porqueiro” porque o seu pai tinha criações de leitões e porcos; o Paulo “Cornélia”, filho do homem do saxofone que animava a claque nos jogos do FC Porto, o nosso pinga amor que conseguia numa tarde iniciar e terminar o namoro com 3 e 4 miúdas, aparecendo e desaparecendo nas alturas mais complicadas, tal e qual o David Copperfield; o Vítor, sempre galante e minucioso na análise estratégica e que, pasme-se, conseguiu namorar com 3 irmãs em momentos subseqüentes (nunca consegui perceber como ele fazia aquilo); o Agostinho, o nosso

“baterista” que caiu na tentação e se “lixou” num namoro sério e prolongado que não lhe dava grandes “abébias” para pisar o risco, nem experimentar as novidades.

Claro que devem estar a perguntar qual seria o meu apelido? Nesta época das festas de garagem (até porque parecia mal eu não ter um), foi “Penantes”, por ser alto e ter as pernas compridas, mas que nunca pegou muito; penso que nenhum dos meus amigos se lembra desse apelido (com exceção do Vitor).

Mais à frente, tive outros, embora não “globais”, nem marcantes, mas de amigos mais próximos como Jerico e Camelo (na tropa) e Mike (em circunstâncias especiais), mas farei a devida contextualização adiante.

Entretanto, pouco tempo depois de ter aberto a Jamanta, abriu a Glace, no Shopping Brasília. Foi uma novidade que atraiu centenas de jovens às quartas-feiras de tarde, dia no qual quase não havia aulas. Como a discoteca ficava dentro do Shopping, foi também lá que giraram as primeiras escadas rolantes da cidade portuguesa. Que espanto! Aquilo foi levando as pessoas a fazerem fila desde a Rotunda da Boavista, só para poderem subir e descer nas escadas automáticas como se fosse um divertimento da Feira Popular.



Pode parecer uma coisa estranha, ou até um mistério este comportamento contado assim, mas recuar no tempo deixa-me

perceber o quão as coisas evoluíram em termos humanos e tecnológicos. Hoje, espantamo-nos se, em vez das escadas rolantes, estiverem umas normais. Queremos a facilidade em prol do esforço que nos leva sempre a um estado de evolução superior.

A minha experiência como DJ foi o que foi e não passaria daquela garagem, havia ventos de mudança no ar e era inevitável tentar fugir deles.

Um belo dia, um amigo, o “Faina”, propôs-me algo que nunca me ocorrera, nem estava à espera de fazer. Convidou-me para transformar a ‘mesmice’ das férias de verão, num rodopio.

— Vamos montar barracas para a praia de Francelos, isto é, se não tiveres nada para fazer.

A ideia não me pareceu descabida, até porque era uma oportunidade de trabalhar à séria, ganhar dinheiro a sério e fazer descontos para a Segurança Social, como um pequeno homem crescido, como há muito desejava. A pergunta que balançou nos meus pensamentos foi apenas uma: por que não?

Eu, que não dizia que não a um desafio, aceitei. E como era no período de férias, os meus Pais autorizaram.

Eu, que não dizia que não a um desafio, aceitei. E como era no período de férias, os meus Pais autorizaram.

Iria passar as férias de verão na praia de Francelos, logo após acabarem as aulas (em junho) até setembro.

A minha vida profissional, digamos, começou aqui, neste momento e a ser barraqueiro. No fundo, era um trabalho que me exigia estar na praia de manhã à noite.

Começava cedo, por volta das 7h, a montar as barracas e acabava por volta das 19h, quando a praia estivesse completamente vazia. Foi um dos momentos mais interessantes da minha juventude, pois para além de ter a oportunidade de viver entre o mar e o sol e ficar moreno, ganhava um ordenado que mal tinha tempo para gastar, fazendo um outro ordenado, só com as gorjetas diárias. Tinha uma folga por semana para ir a casa e, aos fins-de-semana, ainda conseguia estar com os meus pais que acampavam perto dali, num parque de campismo.

Contudo, o que foi realmente interessante neste período foi o que aconteceu um mês depois de começar. O meu amigo Faina foi apanhado por um problema de saúde a meados de julho e não pôde continuar comigo na praia. Surgiu imediatamente um dilema. Ou dividíamos as barracas dele entre todos ou alguém se responsabilizava de forma total pela fila que lhe pertencia. Eram 10 filas na praia (5 no norte e 5 no sul), cada uma com 30 a 35 barracas. Cada fila era trabalho para cerca de 1 hora, fosse para as montar, fosse para as desmontar (para além do transporte dos sacos e mesas de cada cliente) e 35 barracas a mais colocou o grupo a pensar seriamente sobre o assunto.

Para meu espanto, a alternativa nem foi muito discutida e como também não havia muitos interessados em acumular trabalho extra, foi a minha vez de ver a oportunidade na falha. Eu avancei corajoso para ficar com a fila dele que, somada à minha, dava um saldo interessante de 70 barracas ao todo a meu cargo. O maior esforço disto residia no facto de não ficar só por montá-las. Era preciso dar assistência às pessoas que as alugavam. Contudo, se o stress do trabalho era o ponto negativo, poder fazer mais dinheiro no final do mês e um aumento de gorjetas era o lado positivo.

Para meu espanto, a alternativa nem foi muito discutida e como também não havia muitos interessados em acumular trabalho extra, foi a minha vez de ver a oportunidade na falha.

Esta experiência deu-me um traquejo inquestionável no que respeita à organização e responsabilidade. Não havia momentos para distrações ou brincadeiras. O que havia era uma competição saudável entre todos, muitas vezes, levando-nos a fazer verdadeiras corridas de quem montava ou desmontava a barraca mais rápido. Como era sobejado por uma altura considerável, dava-lhes uma “tarefa” nestes desafios, mesmo tendo o dobro de barracas.

Eramos jovens e conseguíamos tudo, no entanto, eu descobri muito depressa que o segredo do sucesso residia na organização. Na época já tentava passar esta mensagem aos mais lentos, sendo um pouco o seu tutor – e tenho reflexo disso na minha vida, agora – ensinando-os a preocuparem-se sempre como desmontavam e organizavam as barracas no fim de cada dia, porque a forma como o faziam, poupar-lhes-ia, no dia seguinte, tempo. E se a melhor conduta se faz pelo exemplo, podiam facilmente observar que, enquanto eu montava cinco barracas, eles montavam uma.

... eu descobri muito depressa que o segredo do sucesso residia na organização.

Vejo, hoje, que esta foi a grande viragem na forma como eu comecei a sentir o valor da organização e do dinheiro. Na verdade, nunca mais o vi da mesma forma. Tornei-me um homem rico (metaforicamente) e não foi porque tivesse amealhado uma fortuna, foi antes, e acima de tudo, porque senti que só dependia de mim, obtê-la. Como se a lâmpada de Aladino me tivesse vindo parar à mão, mas em vez de desejos, soltou-me o mistério da vida: não havia nada igual ao poder do dinheiro, nem à sua energia - viva e magnífica - e não era uma utopia vivê-la, era concretizável e possível. O dinheiro chega-nos quando o nosso foco se dirige a ações que nos são retribuídas direta ou indiretamente, como é exemplo o trabalho. E este conceito refletira-se já nas festas de garagem, quando chegava ao fim do evento e via dezenas de notas coloridas metidas nas caixas de sapatos e pensava:

— Uau, isto é dinheiro que não acaba mais! — sentindo o prazer imensurável de contar cada nota e, depois, distribuir por todos os meus colegas como um verdadeiro fiel depositário.

Esta aprendizagem ou talvez descoberta só foi consolidada, é um facto, na época em que fui barraqueiro e intuitivamente associei a dinâmica das gorjetas a uma nova forma de obter mais dinheiro e inflacionar o ordenado.

Que forma era esta?

Bastava-me ser prestável e simpático para com as famílias que alugavam as barracas e as gorjetas pingavam em conta-gotas.

A equação: - capacidade de empatia + disponibilidade = retribuição - era tão óbvia que me podia ter passado ao lado (às vezes, não vemos o óbvio), mas não foi o caso e usei-a, não só como estratégia, mas com inteligência.

O dinheiro não é ruim, ele potencializa o nosso lado dominante. Se somos, por natureza, pessoas com um lado menos positivo, o dinheiro irá sobrevalorizá-lo, porém, se formos bons e empreendedores, esse mesmo dinheiro irá catapultar-nos para a nossa melhor versão. Reconheço que, neste período, em que estava a aprender a ser gente e homem, uma mutação começou dentro de mim: eu gostava de ganhar dinheiro e de lhe dar bom uso, tanto que, aquilo que ganhava ao longo dos 4 meses de trabalho de verão, durava-me sempre meses.

A equação: - capacidade de empatia + disponibilidade = retribuição - era tão óbvia que me podia ter passado ao lado (às vezes, não vemos o óbvio), mas não foi o caso e usei-a, não só como estratégia, mas com inteligência.

lo, porém, se formos bons e empreendedores, esse mesmo dinheiro irá catapultar-nos para a nossa melhor versão. Reconheço que, neste período, em que estava a aprender a ser gente e homem, uma mutação começou dentro de mim: eu gostava de ganhar dinheiro e de lhe dar bom uso, tanto que, aquilo que ganhava ao longo dos 4 meses de trabalho de verão, durava-me sempre meses.

Ora, enquanto eu conseguia observar os meus colegas e ver, em alguns, o frete diário que sentiam em ser barraqueiros, arrastando as pernas pela areia como se fossem movediças e correndo para longe das barracas sempre que podiam, só ali estando porque precisavam de uns trocados, eu levava aquilo a peito e não cogitava, sequer, a possibilidade de não tentar fazer mais e melhor todos os dias. Uma convicção que, ainda hoje, me alicerça a crença que me fez um profissional: prestar um bom serviço às pessoas e deixá-las satisfeitas é o princípio do sucesso.

(...) prestar um bom serviço às pessoas e deixá-las satisfeitas é o princípio do sucesso.

A aventura na praia de Francelos, como perceberão, vai durar 4 anos, mas nem sempre fui barraqueiro durante este tempo todo. A verdade é que no ano seguinte, em 1982, fui promovido.

Uma promoção à séria e que levaria com orgulho na função que me estava destinada.

Já sei que se devem estar a perguntar acerca da promoção. Que tipo de promoção pode ter um barraqueiro?

A melhor das promoções, em qualquer área, é podermos evoluir para um degrau acima. E passo a contar-vos!

A concessionária da praia, mais conhecida por D. Lalinha, era responsável por Francelos Norte e Francelos Sul, possuía dez barraqueiros, dois vigias e dois nadadores-salvadores. Já temos aqui uma hierarquia.

A extensão da praia era a perder de vista e os dois nadadores-salvadores não tinham mãos a medir para cobrir um areal que os olhos, muitas vezes, não abarcavam. Por isso, um dos nadadores ficava na área norte e o outro na área sul, mas precisavam de ajuda e tinham-na através do seu vigia (pessoa de apoio, uma espécie de avançado centro, mais concretamente o “pau mandado”). Como as equipas mudavam anualmente, a responsável pelo projeto da praia, no segundo ano em que voltei à minha atividade de barraqueiro, propôs-me um desafio: se queria passar a ser vigia.

Parecendo que não, isto era um grande pulo na hierarquia. Um vigia estava num outro patamar, já usava um quico (pequeno chapéu branco), uma t-shirt a dizer – vigia – em letras azuis bem visíveis, e tinha uma função algo respeitável, afinal era o braço direito do nadador-salvador.

No fundo, eu estava prestes a deixar de ser soldado e passar a sargento.

Quando recebi o convite, tive emoções contraditórias. Fiquei entusiasmado pela promoção, mas hesitante pelo que isso viria a representar.

— Mas eu quero ficar na mesma com a fila das barracas!
— retorqui, perante aquele convite que era quase irrecusável.

— Mas, Diamantino, tu já vais auferir um ordenado melhor como vigia, para além de que vais trabalhar durante o dia, é impossível manter-te nas barracas em paralelo. — Disse-me a D. Lalinha que comandava as tropas.

— Ah, não, se não ficar com as duas filas de barracas que tenho, não quero... — respondi como se soubesse muito bem o que

estava a fazer, pois já tinha andado com os algoritmos mentais à roda e não queria perder dinheiro.

Ela olhou-me durante alguns segundos, algo impressionada, diria, pela minha prontidão sobre a escolha de funções.

— Muito bem, vamos fazer aqui um acordo. Ficas como vigia e barraqueiro da quinta fila norte. A quarta fila norte iremos dá-la a outra pessoa.

Mal ou bem, continuava a ser uma boa alternativa e acabei por fechar esta “negociação”, passando a assumir uma nova atividade como vigia do Jerónimo, pescador experiente já na casa dos 50 anos, na praia de Francelos, aos 18 anos, sem ter abandonado o meu primeiro emprego de barraqueiro. Sem menos uma fila, é um facto, mas auferindo de melhor ordenado.

Nesta fase, passei a ser sempre o último a sair da praia, começando a perceber aqui o que era ter um duplo emprego e ganhar a “dois carrinhos” (leia-se ordenado). Mas não só!

Em pouco tempo, a minha ambição começou a dar sinais de marcar presença. O facto de estar a trabalhar como vigia despertou um bichinho no meu interior que me fez começar a querer atingir o último patamar: o de nadador-salvador. Esta função era o máximo que podíamos pretender. O nadador-salvador era uma presença

Nesta fase, passei a ser sempre o último a sair da praia, começando a perceber aqui o que era ter um duplo emprego e ganhar a “dois carrinhos” (leia-se ordenado).

respeitada e admirada pelos banhistas e eu imaginava-me a ser o “comandante” daquela praia inteira.

— Como seria interessante poder estar no lugar do Jerónimo — pensei, mas tinha 18 anos, era um menino comparado com todos os nadadores-salvadores que conhecera e sempre vira.

Homens feitos, experientes, conhecedores do mar, fortes no corpo e na alma. Independentemente, de saber que estava longe de ser um adulto forte e robusto, percebia que para tirar a licença de nadador-salvador bastava que a minha vontade se tornasse inabalável. E tornou, levando-me a integrar a turma de nadadores-salvadores no inverno do ano seguinte.

Porém, este ano ainda seria marcado por um acontecimento que definiria o meu destino, o 31 de agosto de 1982.

Era já final de tarde, o sol começava a querer descer sobre o horizonte e eu andava atarefado, juntamente com o meu amigo Faina, a desmontar as últimas barracas. O dia 31 de agosto era sempre aquele dia em que a praia deixava de estar superpovoada. O período de férias da maior parte dos portugueses encerrava e, mesmo que os barraqueiros e os vigias se mantivessem até ao dia 15 de setembro, o movimento era drasticamente menor. Estávamos, então, no nosso frenesim habitual, quando o Faina surgiu entusiasmado, pulando como uma criança com um brinquedo novo, a tentar convencer-me para uma abordagem a duas miúdas que estavam na praia, mais precisamente na barraca 28 da 4ª fila sul.

— Diamantino, estão ali umas miúdas... tens que vir comigo meter conversa!

Eu sorri, achava piada àquela maneira de pinga-amor do Faina, mas nada daquele comportamento era novidade para mim. O Faina era o típico “boneco” que gostava de ser engraçado e cair em graça, que tinha dez namoradas ao mesmo tempo e simpatizava com mais dez. Eramos o Yin e o Yang nesta matéria, mas lá lhe fiz a vontade e fui. Nem sei se cedi pelo cansaço de o ouvir ou estava, realmente, disponível para ‘dois dedos’ de conversa. A verdade é que este encontro do acaso marcou o meu “amor de perdição”.

A verdade é que este encontro do acaso marcou o meu “amor de perdição”.

As duas miúdas, tia e sobrinha, tinham, mais ou menos, a mesma idade e aquilo que eu achava ser só mais um encontro a marcar o último dia de praia para elas, e de ser somente mais uma conversa para mim com uma rapariga com quem até simpatizei, tornar-se-ia numa promessa escondida. Antes de nos irmos embora, ela passou-me o número de telefone escrito num papel (coisa difícil de se conseguir à data). Não nego que fiquei admirado com o gesto, mas também sorridente por não ter precisado de muitos argumentos para conseguir o contacto. Mal eu sabia o que me estava reservado.

Guardei o telefone e, apesar de não ter ficado encantado com o encontro surpresa, estava curioso com o resultado daquela conversa que não terá durado mais de meia-hora, mas que de alguma forma me marcou. Portanto, entre o fim da época balnear e o arranque de um novo ano letivo, liguei-lhe. Para espanto, ela lembrou-se de mim e não nego que isso me deixou entusiasmado.

Combinámos, então, sair no domingo seguinte para um passeio com o ponto de encontro na estação de Campanhã. Ainda pensei que não me reconhecesse à primeira vista, pois tinha cortado os caracóis em carapinha que caracterizavam a minha figura no verão..., mas enganei-me. Mesmo quase careca, ela sorriu-me assim que me viu aparecer.

Quando tudo tinha uma energia de fim, naquele dia 31 de agosto com a época balnear a adormecer, a minha vida ganhou uma renovação com esta rapariga que me viria a escolher para todos os dias da sua vida, e permanece até hoje ao meu lado como o meu doce amor de verão. A minha Paula.

Contudo, diz a lenda que o nosso amor á primeira vista tinha surgido já uns anos antes quando nos vimos a primeira vez (tinha eu 4 anos e ela 3) nas casas de banho do hospital Maria Pia, que frequentávamos quando eramos crianças!!! – fica a confiança.

Entre os amores de verão de 1982 e o inverno de 1983, iniciei a minha formação para obter a licença de nadador-salvador com a expectativa de um dia poder ter a sorte de ser como o Jerónimo. Desenganem-se se pensam que o treino era feito em piscinas cobertas ou aquecidas.

O treino, no meu tempo, era quase militar, feito nas águas do mar de Espinho, a uma temperatura que atravessava a pele e me mirrava os músculos. Se tivesse que comparar os meus treinos físicos aos treinos de hoje em dia, diria que, atualmente, são facilitados, mas percebo que as necessidades são adaptadas à época e à própria tecnologia disponível.

E os tempos mudaram muito. Esqueçam essa cena cinematográfica “à Miami Beach”, nós tínhamos mesmo que nadar e praticamente com um único apoio: uma corda que atávamos ao cinto

e nos garantia que eramos puxados para terra pelo vigia em caso de cansaço ou outros problemas associados a um salvamento mais árduo. Não havia motas de água a saltitar nas ondas, não havia boias aerodinâmicas laranja, não havia suporte. Eramos nós e os nossos braços, a caixa torácica e muita fé.

Não havia motas de água a saltitar nas ondas, não havia boias aerodinâmicas laranja, não havia suporte. Eramos nós e os nossos braços, a caixa torácica e muita fé.

Esta experiência marcou uma altura de grandes provas e de muita sorte, também. No entanto, de pouco me teria valido a sorte se não estivesse preparado. E eu sinto que estive sempre preparado, fazendo jus à velha máxima “o mestre aparece, quando o discípulo está pronto”. Eu estava pronto para tudo que viria a seguir.

Inicialmente, eu pensei que nunca iria usar o curso de Nadador-Salvador, achava quase impossível chamarem-me aos 19 anos para uma função deste calibre, apesar disso, preparei-me. Era da minha natureza estar pronto para o que desse e viesse. E a oportunidade veio logo no ano seguinte e imaginem... eu estava pronto.

Era da minha natureza estar pronto para o que desse e viesse. E a oportunidade veio logo no ano seguinte e imaginem... eu estava pronto.

O Jerónimo teve um problema que o impediu de assumir a praia, como sempre o fizera e eu o vira executar. Por algum motivo de cariz pessoal, ele teve de se afastar como Nadador-Salvador e, mesmo achando que era muito cedo para eu ocupar a cadeira dele, a verdade é que o convite para substituir o velho Jerónimo, veio cair-me no colo. É preciso perceber que, nesta época, os nadadores-salvadores eram pessoas mais velhas e experientes, como já disse anteriormente. Tinham maturidade e a sua figura representava, sobretudo, uma pessoa a quem se obedecia. Eu mal tinha largado os cueiros e estava prestes a pagar o preço da responsabilidade de assumir o controlo.

Isto traz algum receio, mas se eles confiavam em mim para o fazer, eu não podia deixar de agarrar a oportunidade, nem a deixar fugir, mesmo que ainda muito inexperiente e a ter de sair da minha zona de conforto, como se diz atualmente.

O medo e a fé, ambos, fazem-nos acreditar em coisas que não vemos, cabe-nos a nós escolher muito bem em qual deles crer.

O medo e a fé, ambos, fazem-nos acreditar em coisas que não vemos, cabe-nos a nós escolher muito bem em qual deles crer.

Portanto, a minha resposta só podia ser uma perante a incitação.

— Não esperava outra coisa, aceito, claro que sim, mas... bem... eu não queria deixar de montar barracas! — argumentei, sempre com o pensamento nas “minhas famílias”.

Eu não podia deixar de argumentar, afinal a fila quinta norte era habitada por pessoas que vinham todos os anos e com quem já estabelecera relações de afeto. Não as queria deixar, nem perder as gratificações que recebia e que eram bastante interessantes. Convenci-me que, se elas não me vissem, iriam ficar tristes.

— Nem me venhas com isso, Diamantino. Estás com um estatuto e processo diferente, agora. — Afirmou perentoriamente a minha chefe.

Mas eu só pensava no prazer que tinha em lhes organizar as barracas. Mais tarde, já Nadador-Salvador, passaria a deixar-lhes percebes e lapas, metidos em sacos plásticos dentro de baldes com água. Moluscos que pescava ainda nas primeiras horas da manhã, quando passava reconhecimento às águas metido num barco de madeira com o vigia.

Lá consegui manter a minha fila, depois de muito alegar e nunca, mas nunca, falhei como barraqueiro e/ou nadador, apesar dos meus poucos anos de vida.

(...) mas nunca, falhei como barraqueiro e/ou nadador, apesar dos meus poucos anos de vida.

Curiosamente, o facto de ainda ser muito novo para Nadador-Salvador, deu-me algumas

dores de cabeça, por desrespeito dos banhistas, que achavam que não me deviam obediência.

Foi preciso impor-me e deixar claro que na praia quem mandava era eu, fazendo-os cumprir as regras, fosse com os mais novos ou os mais velhos. Nem sempre tarefa fácil. Tive muitas situações em que a única alternativa foi entrar na água e ir buscar um ou outro, por variadíssimas circunstâncias, fosse porque não me ouviam, fosse porque ignoravam a sinalética das bandeiras, fosse porque fugiam do aviso já dado. Era um trabalho que exigia uma atenção redobrada a cada segundo, essencialmente porque a praia era invadida por uma massa humana inacreditável.

Foi preciso impor-me e deixar claro que na praia quem mandava era eu, fazendo-os cumprir as regras, fosse com os mais novos ou os mais velhos.

Nunca apanhei grandes sustos ou tive situações limite, a não ser uma em particular que nunca mais me esqueceu, pelo peso dramático que carregou e que vou partilhar porque há momentos que não são apenas um acontecimento isolado, mas marcam-nos profundamente.

Os meus pais faziam campismo muito próximo à praia que eu vigiava e ao domingo usava as 2 horas que tinha de almoço para estar com eles. Sempre que saía da praia, hasteava a bandeira axadrezada (praia sem vigilância), mesmo sabendo que o outro nadador-salvador, o Guilherme, na área sul, deitava um olhinho à minha, enquanto estava fora.

Neste dia, regresssei à praia mais cedo, mas como estava na minha hora de descanso, não me equipei imediatamente. Aproveitei para confraternizar com um grupo de amigos.

Lembro-me que o mar estava extremamente picado e a praia cheia de pessoas. De repente, o alarido descontrolado e os gritos a ecoarem num chamamento efusivo atravessaram a praia:

— Salvador, salvador!!!! — gritavam, apontando para o interior do mar, onde um corpo se debatia contra a corrente e as ondas em fúria.

Era eu o responsável por aquela praia e, mesmo estando no meu horário de descanso, não podia ignorar a vida que se esvaia pela força da água.

O meu coração saltou do peito e fui tomado pela adrena-

lina. Era eu o responsável por aquela praia e, mesmo estando no meu horário de descanso, não podia ignorar a vida que se esvaia pela força da água.

Uns faziam um funil, gritando, outros tentavam entrar na água para chegar à vítima, mas sem grande sucesso.

O Guilherme ainda não tinha conseguido chegar a mim e eu tinha de salvar aquele homem.

O meu instinto falou mais alto e entrei na água como estava, de barriga cheia de um almoço farto, sem camisola, sem o cinto ligado ao carretel e sem me lembrar de garantir a segurança que sempre era sublinhada no curso, porque mais importante do que trazer a pessoa para terra, é garantir a integridade do nadador. Eu sabia-o, mas, na prática, ignorei-o ou talvez nem me tenha lembrado.

Comecei a furar as ondas que batiam em força contra mim, sentia a possança da corrente a tentar manipular os meus movimentos e tive bastante dificuldade para chegar à vítima. Estava ansioso por trazê-lo para terra vivo e voltei a não usar algo que aprendera: as técnicas de defesa ditam que não nos devemos aproximar do naufrago.

Eu tentei agarrá-lo uma vez, mas abalroado por um peso colossal do seu corpo, um homem extremamente pesado e grande, percebi que ia ser uma luta para o tirar dali.

Estava longe de imaginar o quão grande ele era, quando me meti na água. De repente, o salvamento não estava a correr bem, tinha de me livrar dos seus braços à minha volta que teimavam em me agarrar quando me aproximava e da sua força que me fazia imergir, deixando-me sem fôlego. Andei às voltas na água, tentando guardar a resistência, até que ele perdesse os sentidos e o pudesse agarrar sem colocar a minha vida em risco. Não teria sido possível trazê-lo de outra forma. O homem estava aterrorizado

quando me aproximei e os seus olhos viam a morte. Ninguém vive um momento destes sem se debater.

Quando perdeu os sentidos, agarrei-lhe o cabelo para que não submergisse e tentei trazê-lo para a orla, mas estava tão cansado de lutar contra a corrente que o meu corpo começou a dar sinais de fraqueza muscular. Passou-me pela cabeça tudo que possam imaginar, mas sobretudo pensava sobre quanto tempo mais aguentaria ali a segurá-lo, tentando não o perder. Como poderia conviver com o facto de o perder? Como enfrentaria a família se chegasse sem ele à praia? Uma coisa tinha definido, não o largaria de maneira nenhuma e foi a união de todos que me permitiu chegar a terra com a vítima.

Uma coisa tinha definido, não o largaria de maneira nenhuma e foi a união de todos que me permitiu chegar a terra com a vítima.

Vendo que estava em apuros, a multidão fez um cordão humano comandado pelo Guilherme (o meu outro colega nadador-salvador) que atravessou o mar até me agarrarem e puxarem. Trazia-o inanimado e teve de ser sujeito a suporte básico de vida. Assim que o entreguei, desmaiei no segundo seguinte. Fora colocado à prova, uma prova que poderia ter corrido mal para ambos.

Infelizmente, nunca mais vi o senhor, algo que só me leva a pensar que a vergonha tomou conta do seu sentido de gratidão. Nunca houve uma visita ou uma palavra de agradecimento, no entanto, nada disto me marcou de forma negativa ao ponto de me afastar da praia ou do mar. Nem neste ano, nem no ano seguinte.

Nunca houve uma visita ou uma palavra de agradecimento, no entanto, nada disto me marcou de forma negativa ao ponto de me afastar da praia ou do mar.

O meu afastamento das lides da praia teve outro nome – a Universidade (ISCAP – Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto) - e uma força - a minha vocação para gestão e contabilidade.

A partir de 1983, a minha vida dividia-se entre Ermesinde e o centro do Porto para conseguir terminar o 12.º ano que só existia na Escola Secundária Oliveira Martins. Era uma espécie de propedêutico, onde ingressei com uma disciplina em atraso (do 11.º ano): o “terrível” francês e que me propusera recuperar nesse mesmo ano.

Sem saber muito bem como justificar o que aconteceu a seguir, voltei a chumbar a francês e as portas da universidade, que estavam a um passo de mim, fecharam-se durante mais um ano. Acabara o 12.º ano sem qualquer tipo de problema, mas a língua francesa perseguia-me desde o 11.º ano e não me estava a facilitar a vida. Foi terrível a sensação que senti, sobretudo porque este atraso significava ficar um ano inteiro com uma disciplina pendurada e muito tempo livre.

O que iria fazer ao longo de um ano inteiro? Pensei seriamente, quando, numa conversa com o meu pai sobre as várias possibilidades que existiam a nível de trabalho, nem que fosse em *part-time*, ele me lançou aquilo que hoje designo como espanto:

— Porque é que não vais fazer o curso de arbitragem?

Que surpresa!

Mas surpresa a sério.

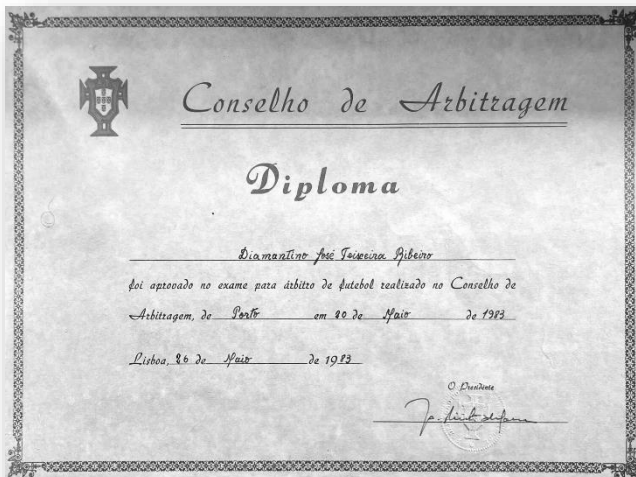
Era o meu pai a incentivar-me a fazer alguma coisa, mas não era uma coisa qualquer, era algo ligado ao futebol que ele amava de paixão. Ele que nunca me fora ver jogar, nem se interessava pelas minhas atividades desportivas, estava ali, a partilhar um entusiasmo e a apontar-me um caminho. Não o podia desiludir e fui de peito orgulhoso inscrever-me no curso para ser Árbitro.

Muito à imagem do que aconteceu quando fiz o curso de Nadador-Salvador, as pessoas que frequentavam o curso de arbitragem, eram pessoas completamente diferentes de mim. Mais velhos, alguns barrigudos, outros ríspidos, com pouca instrução e muita apetência para aguentar com a agressividade que o futebol atirava desde as bancadas. Eu era um pequeno ser no meio deles e talvez por isso me tenha tornado, e passo a expressão, numa mascote que todos sabiam quem era: o Diamantino, o melhor classificado do curso de arbitragem e o puto que podia ir longe. Sem fazer

por isso, fiquei sob os holofotes da Associação de Arbitragem do Porto, como o miúdo que prometia ser muito bom na arbitragem e levá-la a um novo paradigma.

Tudo deu uma grande volta por ter sido o melhor classificado do curso. Os melhores classificados eram premiados com um equipamento completo de árbitro e começavam a dar os primeiros passos dentro do campo, como fiscal de linha. Eu faria equipa com o Francisco Fonseca e o Eduardo Rodrigues, na distrital, autênticos patronos na minha aprendizagem com a bandeira.

Claro que esta história da arbitragem se estende por uma década cheia de aprendizagens dentro e fora do campo, mas uma das coisas que me apercebi logo que pisei os “relvados” (a maior parte deles eram mesmo em terra batida) é que as pessoas só dão valor ao árbitro, quando ele falta (nas camadas juvenis, sobretudo) e tem de ser substituído por alguém da bancada. O árbitro não é apenas alguém que sabe as regras. Ele sabe as regras e sabe estar dentro do campo.



A seguir ao xadrez, em que defendo que todos deviam aprendê-lo a jogar nas escolas, vem a arbitragem. Sou apologista de que todos, pelo menos uma vez, deviam saltar para dentro de

um campo de futebol com cartões em punho e um apito ao pescoço, para experienciar o que é gerir um jogo e as emoções de 22 jogadores movidos pela adrenalina e mais uns quantos que se dizem “responsáveis” nos bancos de suplentes. Talvez essa experiência mudasse a forma como é visto o futebol.

Recordo a primeira vez que arbitrei um jogo. Era um jogo



amador - o Campeonato de Amadores realizava-se ao sábado à tarde - num campo pelado e com centenas de pessoas nas bancadas vindas de todos os bairros que a vossa imaginação possa produzir. As bancadas rompiam pelas costuras e eu estava ex-

tremamente nervoso, não vou dizer o contrário. Levar a bola debaixo do braço, entrar no campo, cumprimentar os jogadores e dar o apito inicial é uma sensação inarrável. Parece fácil, mas... correr, mostrar que tinha preparação física, não perder a bola de vista, estar atento aos meus colegas bandeirinhas era um conjunto de situações em paralelo que me deixaram, neste dia em concreto, na dúvida se conseguiria ser “profissional” o suficiente para cometer o



menor número de erros possível. O tempo viria a amenizar tudo isto, quando o desempenho se torna intuitivo, mas lembro-me de correr de marcha atrás para não perder o percurso da bola e ir

contra os jogadores e pedir-lhes desculpa. Ah! e na bancada o meu pai!

É engraçado como as memórias mais intensas que tenho acerca do meu pai, estão ligadas à arbitragem. Desde que comecei

a arbitrar que lá estava ele, de pedra e cal, sentado no meio dos adeptos, o meu único partidário, atento, com olhos de lince, pronto para classificar a minha performance de boa, quando fazia um bom trabalho, ou de má, quando não fazia uma prestação à altura, chegando mesmo a premiar-me com uma semanada extra como forma de incentivo sempre que era “um bom árbitro”.

Tornei-me, já jovem adulto, no “menino do meu pai” muito em parte porque percebi que eu estava a realizar um sonho que talvez fora dele e, de alguma forma, isso deixava-me muito feliz. Acompanhou-me em centenas de jogos e deslocações, assistiu a aventuras e desaventuras em partidas completamente loucas e testemunhou, no Estádio do Leça, a história que merece ficar registada.

Tornei-me, já jovem adulto, no “menino do meu pai” muito em parte porque percebi que eu estava a realizar um sonho que talvez fora dele e, de alguma forma, isso deixava-me muito feliz.

Ia arbitrar o jogo “Esperança – Passarinhos da Ribeira”, um *derby* quente entre dois bairros do Porto que “mal se podiam ver”. O encontro definia o apuramento para a final e as centenas de pessoas que assistiam tinham os nervos em franja. Havia Polícia por todo o lado e era evidente que aquilo reunia todas as condições para uma guerreada.

Mesmo assim, ia firme no meu intento de ser justo e imparcial, como sempre, e não seria aquele público que me intimidaria.

O jogo começou bem e decorreu completamente controlado, quando, num determinado lance a poucos minutos do fim da partida, mostrei um cartão amarelo a um jogador da equipa do Esperança que, não tendo papas na língua, me dirigiu vários insultos que me recuso transcrever aqui (fica ao critério do leitor imaginá-los). Eu não podia admitir um comportamento daquela natureza e preparava-me para tirar o cartão vermelho do bolso dos calções e apontá-lo ao jogador para assinalar o desrespeito, quando só sinto o meu corpo a embater contra o chão como um tronco. Para ser mais específico, descrevo-vos a queda como: um cair redondo. Porém, levantei-me tão rápido como tombei para acabar o que ia

fazer. Subi o cartão vermelho ainda cambaleando e, com a boca ensopada em sangue, expulsei-o. Os militares da GNR, entraram em campo para prender o jogador, mas este por conselho dos seus colegas pôs-se em fuga para fora das instalações desportivas.

Apesar dos conselhos por parte dos meus colegas e forças policiais para que não terminasse o jogo, cumpri com os últimos 2 minutos que restavam, mesmo com papel higiénico enrolado na mão e a pressionar a boca para conseguir estancar a hemorragia (acabei, na deslocação ao hospital, por levar seis pontos no interior do lábio inferior), mas ciente de que tinha cumprido com a missão que ali me levaria. Fosse com mais ou menos sangue.

... (acabei, na deslocação ao hospital, por levar seis pontos no interior do lábio inferior), mas ciente de que tinha cumprido com a missão que ali me levaria. Fosse com mais ou menos sangue.

É claro que, numa situação limite destas, muitas pessoas desistem da arbitragem e compreendo-os. Não é fácil sair de casa para levar a cabo o nosso objetivo e sairmos de lá agredidos, mas nunca, em momento algum, me passou pela cabeça desistir, mesmo que esta agressão me tivesse obrigado a comer líquidos com recurso a uma palhinha durante quase 2 meses.

Por curiosidade, este episódio lamentável terminou com o jogador irradiado (embora não tenha a certeza que tenha sido para sempre) e com uma presença em tribunal para exigir da parte do agressor uma punição exemplar e um pedido de indemnização. Na data do julgamento, o Meritíssimo Juiz ainda apelou ao meu sentido de misericórdia e perdão, no entanto, apesar da repreensão do meu advogado, eu, com notório “sangue na gueltra”, retorqui que perdoava se o infrator viesse para a minha frente e eu lhe pudesse desferir um golpe semelhante ao que ele me tinha presenteado. Terminou a sessão com um sermão do Meritíssimo Juiz, mas fiquei aliviado de poder dizer o que me ia na alma. A indemnização foi destinada a uma Instituição de Solidariedade Social e eu aprendi algo importante: não se mostra um cartão direto a 1 metro do jogador, isso só nas competições internacionais. A lição serviu-me para o futuro.

Recordo ainda, como aquando do jogo no campo do Agrela, um adepto, com os ânimos alterados e percebendo que o meu pai estava ao volante do carro que eu usaria para sair dali, lhe disferiu um estalo de ódio.

Talvez este momento fosse o único momento em que perdi, de facto, a compostura. Lembro-me de um polícia ter sacado do cassetete, e no momento seguinte ele estar na minha mão, e ter encetado uma perseguição de vários metros atrás do agressor. Enquanto o adepto fugia de mim, eu era perseguido pelo guarda que tentava a custo evitar mais rebuliço.

Talvez este momento fosse o único momento em que perdi, de facto, a compostura. Lembro-me de um polícia ter sacado do cassetete e no momento seguinte ele estar na minha mão e encetar uma perseguição de vários metros atrás do agressor.

O que sei ao recordar esta história (e foram várias as vezes que o fiz) é que ganhei uma força que desconhecia e que, mesmo depois de o agarrar, só parei de lhe dar com o cassetete, quando os vários os agentes me detiveram. Como diz o povo, só se “perderam as que caíram no chão”. Claro que fomos ambos presos e levados para o posto da polícia de Santo Tirso, onde ainda esbracejei e soltei os demónios provocados pela ira que sentia, ofendido por ter visto agredido o meu pai.

A moralidade da história é que não desisti de continuar a arbitrar mesmo tendo razões para o fazer. Pelo contrário, o acontecimento contribuiu para que a história se espalhasse pela boca dos polícias sempre que havia um jogo arbitrado por mim:

— Vocês não se metam com este árbitro — diziam para a bancada, quando ela se mostrava mais exaltada — olhem que ele deu uma coça valente a um adepto no campo do Agrela.

— Ah! foi este árbitro? — exclamavam como se estivessem perante, nem sei se de um herói ou de um homem temido.

Foi uma década de peripécias que necessitariam de um livro só para as contar (quem sabe não penso sobre isso), mas o que realmente guardo desta experiência foi o crescimento como pessoa e adulto em que me estava a tornar, apreendendo conceitos de liderança que, pouco tempo depois, me serviriam de base sólida para tudo que iria empreender.

... mas o que realmente guardo desta experiência foi o crescimento como pessoa e adulto em que me estava a tornar, apreendendo conceitos de liderança que, pouco tempo depois, me serviriam de base sólida para tudo que iria empreender.

O 1º emprego e a entrada na Universidade

Antes de prosseguirmos esta viagem, convém retroceder um pouco (diz-se, em literatura, que é uma analepse), para vos dar a conhecer o meu primeiro emprego a sério (não que os outros tivessem sido a brincar, mas porque foi com este que fiz os meus primeiros descontos para a Segurança Social, um verdadeiro feito).

E insisto em voltar alguns meses atrás porque o francês – caso se recordem dele – merece ter um final nesta etapa da minha vida. Eu não gosto de deixar nada por terminar.

Como vos narrei, fiquei sem poder entrar na Universidade durante um ano por causa da língua que, à data, era muito mais forte do que o inglês, no ensino preparatório e secundário. Seria, sem querer errar, a língua estrangeira principal.

Para além de estar a aproveitar o meu tempo a contribuir para o futebol como árbitro, a verdade é que essa “profissão” não era suficiente para me dar um objetivo diário, visto só ter jogos durante o fim-de-semana, ficando com cinco dias da semana, literalmente, a navegar por demasiado tempo livre (não era uma possibilidade para mim e seria um desgosto para os meus pais ver-me à toa).

Procurei alternativas, como um bom proativo, que me pudessem ocupar corpo e mente até ultrapassar a barreira do francês, para poder entrar na Universidade (o que viria a acontecer no ano seguinte, depois de muita dedicação, apoio e uma convicção inabalável). Afinal, eu decidia quem mandava e quem estava no comando desta empreitada. Só eu podia resolver este assunto pendente. Depois de alguns meses de verdadeiro afinco ao francês, a disciplina viu a sua linha de meta e a Universidade a de partida, ao mesmo tempo que experienciei o verdadeiro conceito do que era vender enciclopédias – se a memória não me falha, a Luso-Brasileira, porta-a-porta, atividade que não recomendo (aqui não entrarei em demagogias).

**(...) depois de muita de-
dicação, apoio e uma
convicção inabalável.**

Os poucos resultados obtidos nesta aventura - isto é o mesmo que vos dizer: não cheguei a concretizar qualquer venda, nem uma para amostra - ditaram a minha mudança de empresa, mas não de área. Continuei na área das vendas, mas numa área comercial, cujo produto era completamente diferente e as condições de trabalho estruturadas como deviam ser.

E é aqui que retomo a história.

Tinha por hábito ler o jornal diariamente, com a intenção de encontrar alguma coisa que me diligenciasse uma oportunidade no mundo do trabalho. Nesta altura da minha vida, não faltavam propostas de labuta com alguma dignidade na secção dos classificados, por isso, como quem muito procura, acha, o anúncio que encontrei no Jornal Notícias, do Porto, não era apenas só mais um anúncio. Ele mudaria efetivamente o meu trajeto desde o momento em que o li. Era um anúncio que pretendia recrutar um novo elemento para integrar uma empresa bastante conceituada na cidade, a TOFA – Torrefação de Cafés de Portugal. Por algum motivo, aquela oferta de trabalho fez-me parar, anotar o número de telefone e ligar a marcar uma entrevista (eu sei o que poderão estar a pensar, mas esqueçam os e-mails; não existiam, obviamente).

Foi o nome da empresa e a confiança que ela representava no mercado que me moveu para querer agarrar aquele lugar.

Não era difícil conseguir-se uma entrevista, havia ofertas que chegassem para a procura – outros tempos! – e, portanto, foi razoavelmente simples ter conseguido uma marcação para ser elegível como candidato à vaga. No dia em que me apresentei cheio de expectativa, após alguns minutos de conversa com o responsável de recrutamento, assinei um contrato de trabalho de 6 meses. Talvez pensem: “que contrato tão instável, meio ano?”, mas era perfeito para o que pretendia. Não podia abandonar o verão, nem a minha praia de Francelos, onde era nadador-salvador, na época balnear e depois disso, ainda me esperavam novas ‘marés’: o Ensino Superior. Meio ano era ideal e um contrato que dava a sensação de estar à minha espera.

Talvez pensem: “que contrato tão instável, meio ano?”, mas era perfeito para o que pretendia.

Arregacei as mangas e fiz-me ao caminho laboral. O meu objetivo na empresa era vender um novo produto que estava a ser lançado para o mercado com a marca Meltis (rebuçados tipo sugos), mas o curioso neste episódio é que até os meus pais ficaram admirados como é que uma empresa daquela envergadura oferecia um emprego a um jovem de 19 anos, com muito pouca experiência no ramo e lhe colocavam um carro de serviço na mão e uma área para ‘bater’ que começava no Porto e acabava em Aveiro.

Incrédulos ou não, comecei com o meu roteiro na mão pronto para apresentar a Meltis a meio país, esperando que os clientes, seduzidos pela boa apresentação e amostra deixada, formalizassem as encomendas. Foi nesta etapa que reconheci, ainda que muito embrionariamente, que o poder de comunicação e a empatia fazem a diferença no sucesso de uma negociação. Mas não só. Os critérios da disciplina marcam o nosso percurso profissional.

(...) o poder de comunicação e a empatia fazem a diferença no sucesso de uma negociação. Mas não só. O critério da disciplina marcam o nosso percurso profissional.

E explico este raciocínio com o meu próprio exemplo. Eu podia entrar ao trabalho quando quisesse e produzir quando me apetecesse, não tinha propriamente de ‘picar o ponto’, mas eu estabelecera metas e eram elas que não me deixavam descarrilar. Não se esqueçam disto: ou temos metas ou afundamos em procrastinação. Nunca ninguém me tinha ensinado isto, mas

mas sempre me certifiquei que as minhas ações fossem dignas de exemplo, primeiro perante os meus pais, depois perante todos com quem podia fazer diferente.

Não se esqueçam disto: ou temos metas ou afundamos em procrastinação.

aprendera-o com a vida nas coisas que sempre me propus atingir. Não fiz a descoberta do *Santo Graal*, nem pouco mais ou menos, mas sempre me certifiquei de que as minhas ações fossem dignas de exemplo, primeiro perante os

meus pais, depois perante todos com quem podia fazer diferente. Isto ficou de tal forma inculcado na minha ação que se tornou prática.

Claro que esta experiência também me podia ter desmotivado para continuar a estudar, afinal foi um momento em que me pude sentir um pequeno homem, com algum sucesso no que fazia, com trabalho a tempo integral e a descontar para o plano da reforma. Sempre

Porém, voltamos à questão da disciplina e do compromisso que não me deixavam ignorar algo a que me propusera: a universidade e não defraudar as expectativas dos meus pais que se mantinham fiéis ao princípio inegociável de que os estudos vinham em primeiro.

lutara para o fazer desde o secundário, lembrem-se?

E, finalmente, estava a realizar aquela visão que me acompanhou durante algum tempo. Porém, voltamos à questão da disciplina e do compromisso que não me deixavam ignorar algo a que me propusera: a universidade e não defraudar as expectativas dos meus pais, que se mantinham fiéis ao princípio inegociável de

que os estudos vinham em primeiro lugar.

Cumpri a rigor com essa promessa e entrei no ISCAP, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, retomando, depois de um breve atraso, o caminho enquanto aluno para estudar a área que eu queria seguir: contabilidade.

O primeiro ano de Universidade não me deixa muito orgulhoso da história que deixei escrita, mas vamos por partes.

Com tantas disciplinas e tantas distrações, aquela rotina que eu adaptara como sendo uma técnica de “estudar à menina” esfumou-se como vapor levado pelo vento. De repente, não conseguia aplicar nada do que estava habituado a fazer e a atitude dos professores não era propriamente a mesma que reconhecia do secundário.

Estava a entrar num mundo completamente diferente do que havia conhecido e, um pouco inocente, achei sempre que recuperaria de qualquer trambolhão ou atraso na matéria, como se isso fosse tão simples como fazer um *sprint*. Só que a Universidade não é uma corrida de 100 metros, é uma maratona, ou ganhamos endurance ou perdemos pista. Isto tornou-se evidente conforme as semanas foram passando e a verdade veio à tona. Não só não recuperei a tempo, como me vi francamente aflito para seguir um ritmo de estudo como o que tinha até aqui. O resultado da minha estreia como estudante universitário foi mais do que evidente em poucos meses. Bastava olhar para as disciplinas penduradas a correrem atrás de mim, lembrando-me de que estava a perder a corrida.

Só que a universidade não é uma corrida de 100 metros, é uma maratona, ou ganhamos endurance ou perdemos pista.

Outro fator estava na raiz de uma característica que sempre me definiu: eu sou uma pessoa de relações e, nesta fase, mais maduro e homem feito, essa particularidade ditou a diferença. Foi à velocidade de um raio, que a Universidade passou de ser a instituição para se tornar na “minha universidade”, onde colecionei uma série de contactos em todos os sectores e vetores, sendo um deles predominante: a Associação de Estudantes, com todas as suas atividades académicas e o seu espírito não convencional e, para quem o vive, uma verdadeira armadilha ao foco.

O primeiro semestre foi, talvez, o primeiro soco no estômago, aquele momento em que terei pensado “isto não está a correr bem, Diamantino”, mas que não passou disso mesmo, de um pensamento fugaz, porque logo a seguir convenci-me de que faria as disciplinas atrasadas no segundo semestre, sem me lembrar que algumas delas se precediam nos anos seguintes. Era como se a batalha estivesse ganha, mesmo antevendo uma maré revolta e a prometer afundar o meu navio.

A grande ‘pedra filosofal’ deste meu arranque como aluno universitário foi, sem dúvida, o meu espírito académico que se revelou desde o início, começando pela minha disponibilidade e envolvimento na praxe. E foi tão intenso que o fim só podia ser aquele que veio a concretizar-se: um convite para integrar a comissão de praxe no ano seguinte. Num estalar de dedos, tornei-me um ativista puro, dando um salto de gigante para a integração na lista da associação, cujo pelouro do desporto me ‘caiu como uma luva’.

A grande pedra filosofal deste meu arranque como aluno universitário foi, sem dúvida, o meu espírito académico que se revelou desde o início, começando pela minha disponibilidade e envolvimento na praxe.

O meu histórico de associativismo não podia ter encontrado uma forma tão genuína de continuar vivo. Estava lançado às feras e demasiado motivado para este mundo que prepara adolescentes para serem adultos no mercado de trabalho. Eu estava e sentia-me em casa.

Rapidamente, mexi na estrutura da associação e começámos a participar em campeonatos universitários, implementei o xadrez como dinâmica, entre muitas outras atividades que me desviaram do objetivo *mater*: as disciplinas em atraso. Estava anunciado o prelúdio do fim. O ano já tinha ido à vida, passo a expressão, mesmo antes de começar.

Depois de classificar este primeiro ano como um pequeno acidente de percurso, estava disposto a recuperar o tempo perdido no segundo ano. Estava profundamente convencido que era agora ou nunca o momento de reverter o atraso fatal do ano passado. De facto, estava consciente que isto seria a única forma de não deitar tudo a perder e até estava disposto a batalhar pelos livros, mas... o presidente da associação insistia que o acompanhasse nas reuniões fora do ISCAP, em reuniões pedagógicas e, perante o destino de

estar prestes a abandonar o seu mandato, sublinhava a importância, uma e outra vez, de eu me envolver com afinco nos assuntos mais



sérios. O motivo era só um, ele estava preparado para me propor para assumir a associação, assim que ele a abandonasse.

E eu? Estaria preparado para o fazer?

O Diamantino, que frequentava o segundo ano, mas estava ainda

no primeiro (apenas tinha concluído duas disciplinas) ficou frente-a-frente com a desgraça total. O assunto até poderia ter uma conotação melodramática se, na verdade, eu não me tivesse divertido e vivido momentos insubstituíveis.

Tenho de admitir na minha história – porque só há história se houver verdade – que o segundo ano não foi melhor que o primeiro em termos de estudo, mas em termos de instituição foi revolucionário. Recordo bem ter proposto (e acabou por ser feito) a criação das sebatas universitárias, organizadas em pequenos cadernos que incluíam testes de anos anteriores, apontamentos de colegas devidamente estruturados com a matéria e esquemas muito bem resumidos das principais disciplinas. Foi o meu primeiro grande sucesso absoluto junto da comunidade estudantil.

O segundo, surgiu com a criação de uma secção de reprogafia, que me permitiu ter desenvolvido esta prática, assim como a abertura de uma sala convívio que se enchia todos os dias de população estudantil. Ainda implementei saraus, noites de fado e fiz parte das primeiras movimentações para a criação da FAP (Fundação Académica do Porto), nascida em 1986, da qual me sinto fundador, e que acabou por ser o grande suporte das sucessivas organizações dos arraiais e dos cortejos da Queima das Fitas.

Estava intensamente lançado e envolvido na realidade académica, serpenteando por entre qualquer universidade do país,

onde desenvolvera contactos e amizades que perduram até aos dias de hoje. Tive momentos irrepetíveis e que não substituiria por qualquer outro tipo de experiências. Nem arrependimento existe, pelo facto de ter estado tão envolvido em atividades académicas, que me fizeram protelar os estudos para segundo plano.

Tudo que vivi deu-me vida e plantou valores que deram frutos. Nada foi em vão.

Tudo o que vivi deu-me vida e plantou valores que deram frutos. Nada foi em vão.

Claro que fiquei perante uma enorme derrapagem no segundo ano, que se intensificou pelas lacunas que existiam do

ano transato. Podia continuar a justificar este assunto, dizendo que não aprendi de uma maneira, mas aprendi de outra através da prática, fosse pelo envolvimento, fosse pelos movimentos em que participei, mas é óbvio, hoje, refletindo sobre a temática - porque a escrita assim o obriga -, percebo que me perdi entre as responsabilidades académicas de um presidente, entre as arbitragens ao fim-de-semana e os estudos, sendo eles os mais sacrificados.

Não obstante, estava a fazer-me um homem e essa perceção não estava, de forma nenhuma, ausente daquilo que eu tinha como objetivo.

Lembro-me de, ainda como universitário finalista, fazer a minha primeira grande viagem com a Paula, a minha irmã Ana e o namorado, o Toni, agora meu cunhado, até ao Algarve onde ficamos num estúdio T0 uma semana de férias “à magnatas”; uma experiência de liberdade, fora do ambiente familiar, que retemos com carinho pois nos últimos dias ficamos sem dinheiro e tivemos de chamar a assistência em viagem que nos ‘safou’ da situação (os pais do Toni).



Enquanto hoje este tipo de comportamento reflete uma juventude que

aprendeu a estar em liberdade e a construir uma nova forma de viver os tempos, na época poucas pessoas da minha geração, tinham esse privilégio. Não só era uma viagem colossal – Lisboa, por exemplo, era quase inacessível a quem vivia tão a norte como eu – como o Algarve era aquele lugar que mais parecia ficar no estrangeiro do que propriamente no sul de Portugal a meio-dia de percurso.

Eram longas horas de viagem de comboio, que partia do Porto às 22h e chegava a Lisboa de madrugada para, depois, se fazer o transbordo de cacilheiro para a outra margem. Era uma viagem que pouca gente fazia sem estar casada ou de alguma forma comprometida. Refiro este pormenor apenas para registar a dificuldade deste passado que, não longínquo, não era fácil de conquistar. Para poder ter este tipo de comportamento, era necessário mostrar responsabilidade e atitude. Foram as primeiras férias que fiz com aquela sensação de viajar para longe e poder ficar num apartamento, em substituição da velha tenda do campismo, às vezes, selvagem, a que estava habituado a fazer

(...) um dia me deixou uma frase que ainda hoje guardo com ternura “confio em si”. Penso que mereci a sua confiança.

com os meus Pais. E essa responsabilidade e atitude foi ganha a pulso, tanto aos meus pais como aos meus futuros sogros, o Sr. Adão e a D. Conceição, um amor de pessoa, que um dia me deixou uma frase que ainda hoje guardo com ternura “confio em si”.

Penso que mereci a sua confiança.

Entretanto, regressemos ao terceiro ano. Era um jovem adulto completamente diferente daquele que chegara enquanto caloiro. Não posso caracterizar este meu percurso universitário como imaculado, não foi. Entrei no último ano agarrado por agulhas, com disciplinas do primeiro ano e do segundo a esvoaçar por cima da minha cabeça como avantesmas. Tinha a consciência absoluta de que era a minha derradeira hipótese de terminar o curso (o meu pai não abdicava disso para que eu ingressasse no mundo do trabalho) e sabia que tinha de correr atrás do prejuízo. Não sabia muito bem

como o faria, mas eu sentia-me diferente e com uma grande vontade de crescer e conhecer o mundo.

Talvez, por isso, achei que a melhor solução, para não dar como perdida a minha vida académica, fosse fazer uma pausa que me permitisse pensar bem sobre o assunto.

E a pausa tinha um nome e um motivo que andava a adiar há vários anos: o serviço militar (na altura, com a duração de 2 anos). Sem dúvida que este interregno poderia ajudar-me a resolver o problema.

No arranque de 1986, mais precisamente em janeiro, decidi de alma leve não entregar mais um adiamento à tropa e dar, metaforicamente, o corpo às balas. Foi o fim do ISCAP para mim, mesmo que ainda não o soubesse.

A chamada tropa chegou no tempo que tinha de chegar e recebia-a com um agrado que a maior parte dos rapazes da minha idade não possuía, quando eram chamados a vestir-se de soldados.

Fui colocado na Figueira da Foz, em junho de 1986, para ingressar nos cursos milicianos (a “tropa macaca” era destinada a quem não tinha o 12.º Ano). Eu tive o privilégio de poder seguir uma instrução mais seletiva e que me daria, se quisesse, a possibilidade de seguir uma hierarquia, ou como sargento ou com vista a uma carreira de oficial, até chegar ao topo, algo que nunca me seduziu, na verdade.

A minha companhia era constituída por 2 pelotões, num total de sessenta militares, mas o que se tornou muito evidente para mim foi que, após os três meses de recruta, dez daquele grupo iriam seguir para o curso de oficiais e os restantes para o curso de sargentos.

Não havia a menor possibilidade de eu não ser um dos dez. Eu queria ser um oficial miliciano, nem outra possibilidade poderia ser deixada em aberto na minha mente.

A chamada tropa chegou no tempo que tinha de chegar e recebia-a com um agrado que a maior parte dos rapazes da minha idade não possuíam, quando eram chamados a vestir-se de soldados.

Não nego que o facto de ser muito disciplinado por natureza, e ter praticado muito desporto ao longo de toda a minha vida, tornou a minha recruta ‘uma brincadeira no parque’, comparada com a dos meus colegas que a sentiam como um verdadeiro fardo. Os seus rostos, as suas atitudes eram prostradas de sofrimento, enquanto eu recebia todos os exercícios militares, fosse o pório ou o salto para o desconhecido, com bastante flexibilidade e mantendo a minha motivação sempre lá em cima, característica que me levou a ser um pouco “pai” do meu pelotão, não deixando que existissem falhas ou peças soltas na camarata, e nas atividades em geral, para que não pagasse o justo pelo pecador.

Não posso avaliar a minha recruta de outra maneira a não ser como uma passagem tranquila, mas sei que, para a maior parte dos meus colegas, foi um cavalo de batalha.

Até consigo perceber o porquê de tanta frustração aliada ao serviço militar e, no limite, ao insucesso quase absoluto de conseguirem pontuações que os levassem mais longe (já mencionarei algumas reflexões acerca disto).



Para mim, era tão simples atingir o objetivo proposto que, quando fui selecionado para o curso de oficiais, isso não me

apanhou de surpresa. Eu sabia que o iria conseguir desde o início, apesar de sentir uma enorme sensação de satisfação e alegria, quando descobri que fui um dos primeiros classificados do curso. A certeza que vivia comigo, desde o momento que decidi que queria preencher uma das dez vagas existentes, foi o facto de a sentir tão presente e de forma firme a cada momento do meu dia que me conduziu a essa verdade absoluta. Tinha ficado nos dez finalistas, tinha sido o melhor classificado do meu pelotão.

Podia ter escolhido outro lugar para prosseguir com a minha vida militar, mas acabei por continuar na Figueira da Foz, como oficial aspirante miliciano. Estava perfeitamente integrado no quartel e não encontrei razões para escolher um novo lugar que me exigiria adaptar a novas regras e hábitos.

Neste quartel, tornar-me-ia o oficial miliciano mais velho e a ser chamado para Comandante de um pelotão de recrutas, assim como para serviços de oficial de dia. Da minha equipa faziam parte o Furriel Trovão e o Cabo Correia; não muito tempo depois, com a saída do Oficial responsável pela Escola de Condução, assumi ainda a direção da escola da minha companhia, com a responsabilidade

Eu sabia que o iria conseguir desde o início, apesar de sentir uma enorme sensação de satisfação e alegria, quando descobri que fui um dos primeiros classificados do curso.

de programar as aulas e os exames de código e de condução, paralelamente às minhas responsabilidades de Comandante de Pelotão.

Era uma agenda apertada ao longo de todo o dia, no entanto, a tropa tinha uma grande vantagem: tudo que fazíamos era remunerado. À exceção da recruta, em que tive dificuldades financeiras ao ponto de por vezes ser a minha namorada a garantir as minhas viagens de ida e volta para o Porto, não me lembro de ter tido mais problemas com o dinheiro, nesta fase nem daí para a frente. Pelo contrário, ganhei muito dinheiro na minha vida militar, acumulando com as atividades que já referi, outras como foi o caso

de me ter tornado coordenador de Educação Física, aquando da saída de um colega. Função que me permitiu acompanhar os soldados para as competições militares externas, por exemplo.

É de facto engraçado ver como, naquela altura, a quantidade de dinheiro que ganhava era tão interessante que cheguei ao ponto de conseguir, tal como um colega, o Cardoso, aplicar alguns trocados na Bolsa de Valores, comprando e vendendo ações.

Quem fazia isto, nesta altura?

Eram raras as pessoas que tinham acesso a este tipo de investimento e eu, ainda não tinha 23 anos, e já desenvolvia um espírito empreendedor tão futurista que percebia como a Bolsa era um negócio que me permitia ganhar dinheiro a dormir (utilizando a facilidade do meu pai, nessa altura, trabalhar no Banco Português do Atlântico).

No entanto, enquanto a felicidade vivia no meu bolso, tentava colmatar a dificuldade que tinha em conseguir disfrutar de saídas à noite e bailaricos na discoteca, pela razão mais absurda que nunca consegui compreender. Impediam-me de entrar por não ter acompanhante feminino.

Ora, que chatice!

Com namorada no Porto, não tinha muitas hipóteses de descontrair num sítio destes sem levar uma companhia de saia. O que não era propriamente simples, mas acabei por descobrir que a ‘companhia’ não tinha de estar do lado de fora da discoteca. Podia tê-la lá dentro à minha espera. Como? Comprando-a.

Sempre que conseguia entrar numa discoteca, comprava uma garrafa de Whisky (o curioso é eu que nem gostava, nem gosto de Whisky), isso era uma forma de ter entrada direta, por me tornar parecido com *Very Importante Person (VIP)*. É verdade, uma

À exceção da recruta, em que tive dificuldades financeiras ao ponto de por vezes ser a minha namorada a garantir as minhas viagens de ida e volta para o Porto, não me lembro de ter tido mais problemas com o dinheiro, nesta fase nem daí para a frente.

garrafa de Whisky, transformava-nos numa espécie de executivos. ‘Não tive meias medidas’, todas as discotecas da Figueira da Foz, sem exagero, passaram a ter uma garrafa com o meu nome – “Aspirante Ribeiro”. Era ela o meu par e o bilhete direto para entrar sem ter qualquer outro tipo de requisitos. Este terá sido o ponto mais melindroso da minha estadia pela Figueira da Foz, dir-vos-ei com uma pitada de humor.

Nunca me arrependi de ter feito a tropa. Apesar de ter tido os meus percalços (já lá vamos a alguns), fui um líder genuíno do princípio ao fim, sem nunca me passar pela cabeça que já era um praticante afinado de PNL (programação neurolinguística), quando ainda nem se ouvia falar dela.

Muitas foram as vezes que tive de levar o meu pelotão para a pista de obstáculos, zona preenchida por dezenas de obstruções que colocam a resistência física no limite, e nem sempre fáceis de executar. Porém, por não serem fáceis de ultrapassar, não quer dizer que sejam impossíveis de superar, mas é preciso ter consciência que “se a mente quer, o corpo consegue”. Tudo está dentro de nós, mas era eu que o sabia, os soldados, quando colocados perante a explicação do que precisavam fazer, a maior parte deles, interiormente, ditava o sucesso ou o insucesso da sua prestação, através de um preconceito interior, enraizado no seu subconsciente. Quase todos falhavam um dos exercícios mais exigentes da pista porque acreditavam de forma errada.

Porém, por não serem fáceis de ultrapassar não quer dizer que sejam impossíveis de superar, mas é preciso ter consciência que “se a mente quer, o corpo consegue”.

O “sou capaz” ou o “não vou conseguir”, são duas expressões separadas por uma linha invisível, tão ténue, que nenhum deles percebia que o que pensava e sentia-estava a programá-lo internamente para a falha ou para o êxito do intento:

— Eu ali em cima nunca vou andar! — diziam alguns ao olhar para o pórtico a vários metros de altura.

— Eu vou falhar o salto da vala! — sussurravam entre eles.

— Eu vou partir uma perna! — diziam outros ao olhar para os dois metros de profundidade do buraco que necessitavam saltar de um só impulso.

Mesmo antes de o tentarem, passavam a eles próprios um atestado de incapacidade que o seu subconsciente não colocava em causa. Aceitava-o como um dado adquirido. Claro que iriam falhar, era isso que visualizavam, era nisso que acreditavam, era o que projetavam para o futuro que aconteceria dali a poucos minutos.

Claro que iriam falhar, era isso que visualizavam, era nisso que acreditavam, era o que projetavam para o futuro que aconteceria dali a poucos minutos.

Só de lhes observar a expressão no rosto e o olhar preso ao medo, sabia que mais de metade não iria acabar a pista de obstáculos. E o facto é que se consumava o que previa. Dos trinta soldados participantes no exercício, cerca de vinte não o conseguiu completar e a razão era demasiado simples.

Estavam condicionados por crenças e valores que os limitavam fortemente na prossecução dos objetivos. Criaram a verdade que os aprisionou (hoje, mais sábio, sei que isto abrange qualquer área da vida).

Estavam condicionados por crenças e valores que os limitavam fortemente na prossecução dos objetivos. Criaram a verdade que os aprisionou (hoje, mais sábio, sei que isto abrange qualquer área da vida).

Contudo, eu tinha um pelotão para gerir e no meu pelotão ninguém iria falhar as provas porque o meu pelotão era diferente. Estabeleci um objetivo:

tivo:

— Todos irão saltar e vou ter de arranjar maneira de fazer com que os meus soldados consigam.

E o segredo não estava fechado, algures, no tempo ou no espaço. Só tinha de lhes induzir a crença de que a mente comanda o corpo e o que vemos por antecipação é aquilo que conseguiremos obter.

Só tinha de os induzir à crença de que a mente comanda o corpo e o que vemos por antecipação é aquilo que conseguiremos obter.

Tinha decidido que a aquela malta, rapazes vindos do campo, com dificuldades várias, pouco mais novos do que eu, iriam conseguir atingir os resultados, senão máximos, pelo menos bons e só havia uma forma de os convencer de que era possível. Não era com palavras e discursos filosóficos, era pelo exemplo ‘nu e cru’.

As minhas aulas de Educação Física passaram a ser aulas que me colocaram literalmente no ativo ao lado deles, mostrando-lhes que tudo era possível e não eram apenas palavras. Se acreditassem e seguissem o meu exemplo, venciam, não porque eu era superior, mas, antes, porque era um deles, igual, em carne e osso, quase da mesma idade, sem poderes especiais. Estava ciente de que os exercícios na pista de combate, cujo fosso media mais de dois metros de comprimento, sobre uma vala de dois metros de profundidade, era ainda o maior problema do grupo, percebendo que o número de soldados capazes de fazer o salto era muito reduzido. Porém, estava comprometido em fazê-los vencer o medo.

— Está tudo na mente! — pensava, tentando encontrar uma solução que os levasse ao triunfo.

E ela surgiu com um – *Eureka* – ao longo dos treinos, realizados noutra local; comecei a usar uma corda sobre o cimento, exatamente com a dimensão do cumprimento do fosso, criando-lhes a fantasia de que o (im)possível é apenas uma palavra com prefixo.

(...) criando-lhes a fantasia de que o (im)possível é apenas uma palavra com prefixo.

— Vamos lá quebrar os recordes de um dos exercícios mais difíceis do quartel! — disse-lhes, ao mesmo tempo que exemplifiquei uma, duas, três vezes com o meu salto para lhes provar que era simples galgar aquela distância.

A primeira reação que vi ser expelida pelo terceiro pelotão (o meu), da segunda companhia, foi um riso baixinho, como quem pensa “está a brincar connosco!” por lhes dizer que aquele seria o exercício mais difícil da pista de obstáculos. Imediatamente, entendi que todos saltariam a distância com uma perna às costas. Tinha conseguido instigar-lhes o ridículo de um salto feito para homens, usando uma corda como um *input* deixado dentro dos seus cérebros que, no momento certo, seria o ‘gatilho’ que os levaria a ignorar o buraco.

De repente, sem saber nada acerca de PNL, condicionei-os de tal maneira para a facilidade do salto que todos, todos sem exceção, realizaram-no sem uma única hesitação.

De repente, sem saber nada acerca de PNL, condicionei-os de tal maneira para a facilidade do salto que todos, todos sem exceção, o realizaram, sem uma única hesitação. O segredo? Não se focaram na profundidade (elemento castrador), mas na distância, fator controlado,

nunca descuidando a importância de preparar os mais fracos para aceitar a pressão dos mais fortes (que os havia).

E sobre este assunto, lembro-me de ter um soldado da Lourinhã um pouco descoordenado nos exercícios da parada, sobretudo num em que era preciso manusear a arma como se duma dança se tratasse. Era preciso coordenação aliada à perfeição, uma equação exigente, para quem o foco não acompanha os movimentos, e para quem integra um grupo que, por defeito, brinca com a fraqueza alheia.

Neste tipo de apresentação, não haver um grupo sincronizado era a morte do artista porque qualquer gesto ou toque fora do compasso ouvia-se na plateia traduzido por um eco terrivelmente denunciador de atraso. Era o pior que podia acontecer ao pelotão, mas sobretudo a quem cometia o erro. Tinha de voltar a ser assertivo com o conjunto para salvar um elemento.

Encontrei a estratégia justa para colmatar a dificuldade deste soldado, sem que ele se sentisse desvalorizado. O primeiro passo foi apelidar o exercício de “Cuco”, o segundo passo foi dar

um compasso à equipa, logo após o meu aviso de – apresentar arma –.

Bastava que seguissem mentalmente o cantar borbulhante característico da ave:

— cu... cu...

O engraçado desta história é que, para além de o soldado ter conseguido encontrar o compasso ao do movimento, passou a ter o apelido do movimento. Passou a ser o Cuco da nossa Companhia. Na verdade, a mente é uma estrada e nós somos a voz do GPS. Qualquer indicação dada vai ser realizada. Sem perguntas, sem dúvidas, sem levantar hipóteses.

Na verdade, a mente é uma estrada e nós a voz do GPS.

Não foi só aqui que encontrei estratégias de resolução de situações impostas pela mente. Uma outra situação aconteceu na cerimónia oficial que iria decorrer na cidade da Batalha. Era um evento para receber uma figura de Estado imponente e cabia ao exército receber as altas patentes com pompa e circunstância. Foi-me dito que estava a meu cargo a manobra militar mais complexa de se fazer e também conhecida por – Pelotão Auto Comandado – que não é mais do que um pelotão sem líder e cuja coreografia fica dependente dos elementos militares (trinta) que o constituem, ao longo de 2 minutos de manobras. Parece fácil!

O truque-chave era eu conseguir criar envolvimento suficiente entre o pelotão, para que a sistematização dos exercícios se tornasse automática, em vez de racional, porque nestes desempenhos não há tempo para pensar acerca do movimento seguinte, são mudanças que acontecem em intervalos de segundos. A fotografia mental da manobra tinha de ser intuitiva como a respiração. A mente tinha de silenciar e o corpo atuar.

A fotografia mental da manobra tinha de ser intuitiva como a respiração. A mente tinha de silenciar e o corpo atuar.

Depois de muito pensar, encontrei um estratagema para os ajudar a estar milimetricamente sincronizados e passei a usá-lo como

ferramenta, no entanto, quase manchei a minha passagem pelo mundo militar por causa dele.

Basicamente, tinha adaptado uma canção para que o pelotão não perdesse a engrenagem do ritmo, mas a canção valeu-me uma sanção que ficou para a história. A canção está longe daquilo que possam estar a imaginar ser.

Comecemos pelo detalhe de estar num contexto militar. Ninguém iria cantar o “atirei com o pau ao gato” para treinar uma manobra militar e muito menos usar a onomatopeia – miau –, do final da canção, para o destroçar.

Correto?

Ninguém a iria usar, com certeza, a não ser eu.

Mal ou bem, estava longe de imaginar que aquele fim de ensaio, naquele dia antes do almoço, causasse um pandemónio na messe, quando lhes disse para destroçar perto do refeitório, num momento menos militar. Custou-me uma chamada ao Comandante e a maior das minhas repreensões. Aquele – miau – no destroçar do pelotão ia destroçando a minha carreira com uma mancha que qualquer soldado ou oficial quer evitar: a desobediência.

No entanto, esta estória sublinha perfeitamente o poder do comando interior. Basta crer, crer profundamente para ser uma questão de tempo até se conseguir. O problema é quando deixamos de acreditar e largamos das mãos aquilo que nos pode fazer chegar até ao objetivo.

Basta crer, crer profundamente para ser uma questão de tempo até se conseguir.

A vida é feita de saltos de fé.

Mal ou bem, dei os meus saltos de fé, enquanto estive sob a autoridade do serviço militar, porém, a tropa não era de forma nenhuma algo que me seduzisse para investir numa carreira. Apesar de ter tido algum sucesso no serviço militar, a minha ambição estava no mundo lá fora, para lá dos portões do quartel. Precisava de viver uma ascensão profissional que me desafiasse todos os dias a crescer. A tropa parecia-me demasiado limitativa, deixando de me instigar à competição.

Antes de encerrar o relato sucinto da minha passagem pela tropa, há uma estória que não quero deixar de partilhar, e que caracteriza bem um universo que, realmente, nos muda pelas circunstâncias a que somos sujeitos. Reparem como aquilo que nos dizem que é o certo e o errado, muda de prisma de acordo com quem nos orienta. Por isso, é tão importante seguirmos líderes e exemplos, cuja motivação não nos deixa dúvidas, quanto à justiça ou ao descrédito, seja de situações ou pessoas.

Sem pensar na maldade que o objeto representava, colocamos a jarra em cima do móvel bem exposta, com uma flor representativa da paz no seu interior.

Eu e mais dois aspirantes, o Dias e o Vagos, dividíamos a camarata e era lá que passávamos bastante do nosso tempo. O aspirante Dias é natural de Tomar, cidade perto das Caldas da Rainha, e num belo dia aparece no quartel com uma jarra representativa do artefacto tão conhecido pelos caldenses e, diga-se, por Portugal. A jarra foi, na verdade, um momento divertido na noite que chegou,

mas nada que nos fizesse pensar estarmos a promover uma situação confrangedora para uma das senhoras que semanalmente nos ia lá limpar o quarto. Sem pensar na maldade que o objeto representava, colocamos a jarra em cima do móvel bem exposta, com uma flor representativa da paz no seu interior. Era a nossa “mascote” que, uma vez ou outra, nos roubava uma gargalhada depois de alguma anedota típica, menos digna de ser ouvida.

Não imagino como aquele objeto poderá ter ofendido a senhora da limpeza, quando a viu no nosso quarto, mas depois da confusão que originou até me permito imaginar o seu olhar de repulsa ao deparar-se com aquela peça de decoração que, provavelmente, lhe lembrava pecados velhos. O que sei é que por causa de se ter sentido ofendida, fomos chamados ao gabinete do segundo-Comandante. Assim que atravessamos a porta e entramos na sala onde ele executava o seu exercício de coordenação, o que é que vemos em cima da sua secretária. A famosa jarra das Caldas, sob o seu olhar castrador.

Foram alguns minutos de sermão, a ouvir um raspanete que nos fez sentir como se tivéssemos acabado de cometer um crime. Não queria acreditar que uma simples jarra, dentro de um quarto de homens, se transformasse num motivo de repreensão como meninos da escola primária e nem sequer nos foi dada a oportunidade de justificar o motivo de ali a ter; afinal o Dias era natural da terra onde o artefacto representativo da masculinidade era motivo de marketing, mais do que isso, cultural. Como é que podíamos dizer isto ao segundo-Comandante, quando lhe víamos as veias salientes no pescoço, a pulsar de consternação. O melhor foi mesmo mantermo-nos mudos, depois termos entrado calados.

Ouvimos, silenciamos e, ao sair, envergonhados, esconjuramos a senhora por entre dentes. A jarra ficou dentro do gabinete do segundo-Comandante, a quem passamos a chamar carinhosamente de TC7, diga-se - Tenente-Coronel Cachulo e Costa Chato Como o C.... Caldas - que, não só a confiscou, como nunca mais a devolveu. Ainda hoje me pergunto o que lhe terá acontecido.

Não é difícil perceber que a situação não podia ficar assim. Na impossibilidade de podermos confrontar a casta senhora, decidimos conceber uma retaliação. Estávamos na tropa!

É verdade, eu sei que poderão estar a imaginar que enchemos o quarto com todos os artefactos possíveis e imaginários trazidos das Caldas, mas não... No fim-de-semana seguinte, enchemos o nosso singelo quarto de bonecos, peluches, brinquedos representativos da inocência pueril de quem ainda brinca na sala de um infantário. Foi a nossa forma de ripostar o ‘ataque hediondo’ que sofremos. Dentro da disciplina – porque sempre fui disciplinado – defendendo que devemos ser irreverentes em causa própria e esta situação, em particular, não podia ser aceite, sem que mostrássemos o nosso desagrado. Curiosamente, o intento foi coroado de êxito porque a mensagem passou. Soube-o, quando o 2º. Comandante passou por nós na cantina e nos cumprimentou:

**Dentro da disciplina –
porque sempre fui disciplinado –
defendo que
devemos ser irreverentes.**

— Boa tarde, meus senhores... ou será... meus meninos!

Foram estes momentos que me deixaram saudades e lições, no entanto, a tropa estava longe do meu horizonte, enquanto projeto pessoal, como venho reforçando.

Curiosamente, estes episódios que recordamos com ironia, repetiam-se nas incorporações que se sucediam, eramos jovens irreverentes, e mais coisa menos coisa, soubemos que não nos aconteceu só a nós (que o diga o meu amigo Vilaça).

Antes mesmo de concluir o percurso, no dia 28 de agosto de 1988, eu já sabia que queria sair para o mundo profissional, que estava do lado de lá da boina.

A Universidade continuava dentro da minha cabeça, mas não em primeiro lugar. Inclusive, a arbitragem (que nunca abandonei mesmo ao longo do serviço militar) iria ter o seu momento de despedida, depois de uma década ao serviço do desporto.

Tudo tem o seu tempo. E o meu estava a evocar um novo Diamantino, com uma nova dinâmica e novas ambições. Não hesitei na resposta, quando o meu pai, no primeiro convívio em casa depois de terminar o serviço militar, me perguntou o que eu queria fazer do meu futuro.

— Vou arranjar emprego! Na Universidade, ainda me faltam dois anos, mas eu não posso andar dois anos a estudar. Quero ganhar dinheiro e seguir uma carreira. Estudarei, quando estiver preparado.

Era esta convicção que trazia daqueles dois anos passados dentro de uma farda e não perdi tempo em procurar esse futuro.



O início da vida profissional

Como era hábito, sentei-me no café, na manhã do domingo seguinte após ter terminado o serviço militar e procurei na secção de “classificados”, trabalhos disponíveis. Respondi a três anúncios: um era para uma empresa de contabilidade, outro para as máquinas de costura Oliva e outro era para responder para um apartado para uma empresa que não estava identificada, mas referia sector automóvel. Na segunda-feira de tarde, recebi um telefonema para a vaga que estava disponível na empresa do ramo automóvel, convidando-me para uma entrevista.

Comecei a ser chamado para as entrevistas logo no dia seguinte, segunda-feira, como disse. A que mais me tinha entusiasmado era a empresa de contabilidade, que me oferecia 50 contos de ordenado (um pouco acima do ordenado mínimo). Porém, faltava-me ser entrevistado na Oliva (onde acabei por não ir) e na empresa do ramo automóvel; por ser um-apaixonado por automóveis, era impensável não ir saber/perceber quais as minhas possibilidades.

Quando cheguei ao local, deparei-me com o maior concessionário da zona Norte, a Ripal – Comércio Internacional de Peças e Acessórios, Lda.

Isto merece um – *Eureka!* – aqui.

Fui entrevistado pelo chefe do escritório, o Sr. Fraga, que me informou que a vaga era para 3.º Escriurário, existindo a possibilidade de subida na carreira. Fiquei tão encorajado com tudo que vi e ouvi que saí de lá com a sensação de que aquele lugar já me pertencia e não estava enganado de todo. No dia seguinte, ligaram-me e pediram-me para comparecer na empresa para uma reunião com o chefe de escritório, o Sr. Fraga, e o com o patrão, o Sr. Clemente de Sá.

Um sexto sentido dizia-me que o trabalho era meu!

A reunião serviu, essencialmente, para o Sr. Clemente me confirmar o interesse em que integrasse a função, como 3º Escriurário e ofereceu-me o salário mínimo, à época de 40 contos, com

uma ajuda extra de 5 contos (mesmo assim 5 contos abaixo do que me tinham oferecido na empresa de contabilidade).

Todavia, não era o dinheiro que me movia, mas o trabalho em si e poder demonstrar as minhas aptidões e o meu empenho.



Eu estava motivadíssimo para integrar a empresa, com mais de 100 funcionários, e não precisava de muitos argumentos para me elevarem o entusiasmo que já sentia, desde que fora lá no dia anterior. Não, não era o dinheiro. Trabalharia de graça se fosse preciso, apenas pela oportunidade de poder estar ali.

Aceitei de imediato e comecei a trabalhar no dia seguinte. A função compreendia uma espécie de triângulo de tarefas: ora organizava fichas, ora classificava documentos, ora os inseria à mão dentro de arquivos, ora ajudava aqui e ali, sempre apoiado e acarinhado pela D. Manuela, a D. Adélia, o Adolfo (que se tornou um dos meus grandes amigos até aos dias de hoje), o Sr. Alberto, a D. Rosa, a Clotilde, e muito outros que a seu tempo irei referir, pois todos eles contribuíram significativamente para o que sou hoje.

... continua no volume II.

Somos frutos das nossas escolhas...